

PREÇOS DA ASSIGNATURA

PAGOS ADIANTADOS.
 Por um anno..... 16\$000
 Por seis meses. . . 9\$000
 Por tres meses... 5\$000

O ECHO DO SUL.

ANNUNCIOS

PAGOS ADIANTADOS.
 Assignantes, linha 40 rs.
 Não assignantes « 80 rs.
 Outras publicações pelo que se ajustar.

A assignatura pôde começar em qualquer dia, mas fluda no fim do mez, e é considerada permanente em quanto a redacção não receber aviso contrario.

JORNAL COMMERCIAL E POLITICO

Publica-se diariamente, excepto nos dias immediatos aos santificados

Todos os escriptos de interesse geral e de litteratura, serão publicados gratuitamente bem como todas as peças officiaes.

OCCORRENCIAS.

MEDICINA. — Para conhecimento da autoridade, do publico e de alguns senhores que exercem a medicina, publicamos alguns artigos do decreto n. 827 de 26 de setembro de 1851.

CAPITULO IV.

DÔ EXERCICIO DE MEDICINA.

Art. 25 Ninguém pode exercer a medicina, ou qualquer dos seus ramos, sem titulo conferido pelas escolas de medicina do Brasil, nem pode servir de perito perante as

existentes no mercado, onde até altas horas da noite ha reunião de jogadores, que passam em vella entretidos no *lecito* divertimento.

JULGAMENTO. — O julgamento dos tres pretos presos na cadeia desta, cidade que devia ter lugar hontem ficou transferido para amanhan, por não terem comparecido as testemunhas.

SENTENÇA. — Hontem em audiencia do Illm. Sr. juiz municipal deu-se por concluso e processo que era autora a justiça e accusado Leopoldo de Araujo Braga por querer escravisar a preta Claudina e sua filha Deolinda,

A denuncia foi feita pelo Illm. Sr. José Benito Varela, vice-consul oriental nesta ci-

TRANSCRICÃO

A imprensa jornalista é o grande órgão da opinião publica : a sua força está na sua moralidade.

Não é sem muito haver conciderado em suas consequencias que o nosso legislador constitucional consignou a liberdade da imprensa, determinando no art. 179 § 4 que todos podessem communicar os seus pensamentos por palavras, escriptos, e publical-os pela imprensa, sem dependencia de censura, com tanto que commettessem no exer-

mettimento. A imprensa dá vida ou mata conforme o bom ou mau uso que della se faz, e é uma arma, cujo abuso é tão perigoso, que um governo reactor serve-se della na mão dos que mais seus adversarios se dizem.

Dahi resulta que os partidos populares, os partidos democraticos, são aquelles que mais interesses tem na moralidade da imprensa. O povo que se faz representar na opinião publica por um órgão mentiroso, calumniador, injuriador, obsceno, desce cada dia na escala da força moral e dá ganho de causa a reacção, aos inimigos de toda a reacção, os descredittadores do governo representativo.

28/05/2009

PREÇOS DA ASSIGNATURA

PAGOS ADIANTADOS.
 Por um anno..... 168000
 Por seis meses... 98000
 Por tres meses... 58000

O ECHO DO SUL.

ANNUNCIOS

PAGOS ADIANTADOS.
 Assignantes. linha 40 rs.
 Não assignantes = 80 rs.
 Outras publicações pelo que se ajustar.

JORNAL COMMERCIAL E POLITICO

Publica-se diariamente, excepto nos dias immediatos aos santificados

Todos os escriptos de interesse geral e de litteratura, serão publicados gratuitamente bem como todas as peças officiaes.

OCCORRENCIAS.

MEDICINA. — Para conhecimento da autoridade, do publico e de alguns senhores que exercem a medicina, publicamos alguns artigos do decreto n. 827 de 26 de setembro de 1851.

CAPITULO IV.

DO EXERCICIO DE MEDICINA.

Art. 25 Ninguem pode exercer a medicina, cu qualquer dos seus ramos, sem titulo conferido pelas escolas de medicina do Brasil, nem pode servir de perito perante as autoridades judicarias, ou administrativas, ou passar certificados de molestia para qualquer fim que seja. Os infractores incorreram na multa de cem mil reis pela primeira vez, e nas reincidencias em duzentos mil reis a quinze dias de cadeia.

Art. 26. Os medicos cirurgioes e boticaes nacionaes ou estrangeiros, formados em escolas estrangeiras que forem ou tiverem sido professores de qualquer universidade ou escola de medicina, reconhecidas pelos seus respectivos governos, poderão exercer temporaria e perpetuamente as suas profissões sem dependencias de exame perante as escolas de medicina.

Para poderem porém gosar deste favor deverão justificar primeiro perante as mesmas escolas que são ou foram com effeito professores, e que as escolas e universidades em que o são ou foram, estão reconhecidas pelos seus governos; apresentando para isso attestado dos agentes diplomaticos do imperio, e na falta de estes, dos consules brasileiros acreditados nesses paizes.

PASSAMENTO. — Hontem a tarde sepultou-se no semiterio municipal desta cidade a Illma. Sra. D. Luciana Lopes, filha do Sr. Candido José Lopes.

Depois de soffrer acerbamente no leito da dor, exalou seu ultimo suspiro antehontem a noite.

OUTRA VEZ. — Chamamos a attenção do autor da obra que praticam alguns individuos indo tomar banhos nús durante o dia, nas immedições da Boca do Tigre, e enfrente das ruas da Palma e Portão.

E' isso de toda inconveniencia para as pessoas que a toda hora alli passam inclusive senhoras.

OLHO VIVO. — E' conveniente que a policia lance suas vistas sobre certas tabernas

existentes no mercado, onde até altas horas da noite ha reunião de jogadores, que passam em vella entredidos no leito divertimento.

JULGAMENTO. — O julgamento dos tres pretos presos na cadeia desta cidade que devia ter lugar hontem ficou transferido para amanha, por não terem comparecido as testemunhas.

SENTENÇA. — Hontem em audiencia do Illm. Sr. juiz municipal deu-se por concluso e processo que era autora a justiça e accusado Leopoldo de Araujo Braga por querer escravizar a preta Claudina e sua filha Deolinda.

A denuncia foi feita pelo Illm. Sr. José Benito Varela, vice-consul oriental nesta cidade.

Eis a sentença pronunciada pelo Sr. juiz municipal:

« Não procede o presente summario contra o indiciado Leopoldo de Araujo Braga,

em virtude da seguinte sentença: « Não procede o presente summario contra o indiciado Leopoldo de Araujo Braga, por não haver sido provada a existencia do crime imputado ao indiciado, visto ter elle como sua propriedade as escravas em questão, em virtude do actodo partilhas, feito por autoridade da justiça, que retira delle toda e qualquer imputação criminosa, segundo o art. 179 do codigo criminal. combinado com outras disposições do mesmo codigo, e isto mesmo no caso de serem libertas as individuos mencionadas no officio ou nota do agente consular do Uruguay, que serviu de base a este processo, cuja liberdade pode ser disputada segundo os solidos principios do direito civil, e de direitos internacionaes, quando tratado, como deve ser em juizo plenario, e não no de excepção ou criminal.

Portanto, julgando como julgo improcedente o presente summario contra o indiciado Leopoldo de Araujo Braga, pelo crime de reduzir pessoa livre a escravidão, mando que ao mesmo seja entregue como de sua legitima propriedade as escravas depositadas, expedindo-se para isso mandado e condemnado a municipalidade nas custas.

« Jaguarão, 5 de fevereiro de 1858.

« João Francisco Gonçalves, »

TRANSCRIÇÃO

A imprensa jornalista é o grande órgão da opinião publica: a sua força está na sua moralidade.

Não é sem muito haver conciderado em suas consequencias que o nosso legislador constitucional consignou a liberdade da imprensa, determinando no art. 179 § 4 que todos podessem comunicar os seus pensamentos por palavras, escriptos, e publicados pela imprensa, sem dependencia de censura, com tanto que commettessem no exercicio deste direito, nos casos e pela forma que a lei determinassem. E' que a livre manifestação do pensamento é a condição essencial do governo representativo onde a lei é a vontade, não de um homem e sim da maioria representada pela sua maioria; é que

em um governo representativo nem os poderes do Estado podem bem desempenhar a sua missão, nem, principalmente, o poder moderador pode bem informado do estado das cousas no paiz dirigir o lema nacional de modo a conduzir a nau do Estado ao melhor porto de seus destinos.

A grande lei do salvagão publica relativamente ao poder é a responsabilidade dos agentes da autoridade publica; e por isso o nosso codigo penal declarou não criminosos os que censurassem os actos do governo e da publica administração em termos, posto que vigorosos, decentes e comedidos.

Assim é força reconhecer que no Brasil a liberdade da imprensa é o direito commun, na phrase do Dupin, e que as restricções, as compressões, as penalidades são outras tantas excepções que, por sua natureza, não são susceptíveis de extensão.

Comprehede porém todo o partido que quer viver constitucionalmente, todo o partido que reage contra os governos despoticos e arbitrarios quanto é de seu interesse. quanto é de sua immediata e principal conveniencia que a imprensa se conserve na altura da sua missão, para que possa ser considerada como órgão poderoso da opinião publica. Todo o desvio da imprensa é para o paiz, e para os principios constitucionaes e para as instituições livres, uma mal profundo. A imprensa bem dirigida é a salvaguarda das liberdades publicas, a imprensa mal dirigida é o seu mais terrivel compro-

metimento. A imprensa dá vida ou mata conforme o bom ou mau uso que della se faz, e é uma arma, cujo abuso é tão perigoso, que um governo reactor serve-se della na mão dos que mais seus adversarios se dizem.

Dahi resulta que os partidos populares, os partidos democraticos, são aquellos que mais interesses tem na moralidade da imprensa. O povo que se faz representar na opinião publica por um órgão mentiroso, calumniador, injuriador, obsceno, desca da dia na escala da força moral e dá ganho de causa aos adversarios, aos homens de reacção, aos inimigos de toda a reacção, os descreditoes do governo representativo.

Ora a moralidade da imprensa ou se refere ao seu fundo ou á sua forma. Quanto ao fundo, assenta ella na verdade dos factos, e na verdade da doutrina; a verdade tem uma universalidade tal que onde ella se manifesta, cedo ou tarde vence e rende seus ad-

versarios; pôde a mentira oppôr-lhe obstáculos, crear uma luta mais ou menos longa, mas tem por fim de ceder. Seja pois a imprensa jornalística verdadeira, sempre verdadeira, e mui grandiosa, quer em relação aos factos, quer em relação á doutrina, e o seu triumpho será infallivel. Quanto a forma, cumpre que seja attenciosa isenta de toda a expressão obscena, mal soante, injurioso; se a indelicadeza da expressão não pode supportar-se nas reuniões particulares, como se poderá ella soffrer na imprensa para qual se falla perante a nação inteira senão o que ha de mais importante, de mais sagrado, de mais nobre, de mais magestoso? O que a nação senão a sociedade de todos os homens eminentes, de todas as mulheres de educação apurada e de costumes irreprehensíveis; e como perante tão illustro e tão importante companhia se falta ao decore e as mais restrictas conveniencias, alardeando-se de salvagens? Se ha pois lugar onde se devam guardar todas as regras de forma, é certamente a imprensa.

O facto contra quem se embate a democracia é o privilegio, é o prejuizo; mas como destruir o privilegio e o prejuizo a não ser pelo grande principio do merito — o talento e as virtudes? E se a imprensa deixar de representar o talento e as virtudes, não é evidente que serve antes á causa do privilegio, do prejuizo, do que a causa da democracia? Certamente: e só o desconhecêdo aquelle que de proposito quiser fazer-se ego.

Temos nós sido accusados de infringir a grande lei da moralidade da imprensa; entretanto, cõusa extraordinaria! somos nós, que a temos defendido com todos os nossos esforços; sendo que a triste e mesquinha tactica de nossos adversarios só tem concorrido para que mais se desmoralisem perante a opiniao publica. O *Liberal Pernambucano* ha soffrido a guerra mais desahrida de todos os exarados e de todos os despeitos, mas o *Liberal Pernambucano* se ha mantido em sou posto de honra e atravesado o tempo da borrasca como uma rocha que as ondas não podem derrubar. E porque? Porque o *Liberal Pernambucano* ha defendido sempre a causa da ordem, a causa da justiça, a causa da razão contra os desarraoamentos de seus adversarios; é que em quanto os orgãos adversarios chufardavam no lamaçal das injurias, procurando arrastar o *Liberal Pernambucano* no mesmo redomeinho de immoralidade, o *Liberal Pernambucano* mantinha-se com dignidade; repelia os insultos com vigor, mas não descia nunca a essa linguagem baixa e aviltada que só se falla nos mercados.

O que é a *União*? que fim levaram o *Paiz*, o *Contemporaneo*, e outras tentativas? Desappareceram; porque ou cahiram na immoralidade, ou nella nasceram. Ultimamente baldos de orgão na provincia arrebanham tudo quanto nos pôde fazer derrubar, e nos dirigem seus tiros das columnas do *Diario de Pernambuco* sempre Prompto a accitar contra nós toda a especie de insultos, de diatribes, de calumnias, e de injurias. Não ha na cã que o *Liberal Pernambucano* não seja victima de mais insultuosas offensas no *Diario de Pernambuco* e todavia todos os nossos leitores vêm que a nossa resposta ha sido sempre digna, e de accordo com o nosso decoro e com as leis do paiz.

Qual tem sido o segredo de nossa existencia? A nossa moralidade.

No meio do chaos politico em que appareceu o *Liberal Pernambucano* não era possível levar as cousas ao seu devido lugar, sem incorrer na cholera de uns e no despeito de outros. Todos quantos viviam da condição anormal em que estava a provincia, bradaram contra o *Liberal Pernambucano*, e o seu desespero ha crescido a proporção que a ordem constitucional se tem ido assentando. Os homens do privilegio bradaram contra nós; os homens das exagerações bradaram contra nós; absolutistas e republicanos, aristocratas e dependentes, bradaram contra nós; mas a maioria da provincia os homens isentatos, os homens do governo representativo, os monarchistas constitucionaes, os homens amigos da lei e da ordem, não da ordem sophismada mas da verdadeira ordem que resulta do seu consorcio com a liberdade, estes tem saudado o *Liberal* e o tem apreciado, e o tem sustentado. Estes tem visto e vêm no *Liberal Pernambucano* um sustentaculo de nossos direitos. A missão do *Liberal Pernambucano*, partindo de um ponto onde tudo era confusão, foi discrimi-

nar os homens e as cousas, para que a forma de governo, que tão felizmente nos regia, sobresabissa dentro as sombras com que procuravam obscurece-la os inimigos encarregados della.

Hoje o [nosso triumpho ha sido o mais] completo, todos os nossos principios, tenhos visto acceitos e proclamados pelo governo. E' que em favor delles estavam a verdade, a razão e a justiça. E' que a forma de nossa expressão nada teve nunca de indecorosa, injuriosa ou calumniosa; para combater o erro e a immoralidade enraizadas na provincia, era-nos do mister uma linguagem vigorosa, mas o vigor não é falta de decencia; para abatermos o orgulho fôto e sem titulos diante da grande lei do merecimento pessoal, foi-nos do mister manejar o ridiculo, mas nunca o ridiculo manejado contra o orgulho fôto foi considerado offensa á decencia publica. Em todas as nossas lutas jornalisticas, a povoação não esteve nunca da nossa parte.

Em fim cumpre confessar e reconhecer que — a imprensa jornalistica é o grande órgão da opiniao publica; e que sua força está na sua moralidade.

(*Liberal Pernambucano*).

VARIEDADE.

A corda do enforcado.

— O Sr. Horacio Trenke?

— Um seu criado.

— Meu charro dê-me licença que o admire.

— Pôde fazel-o á sua vontade.

— Em casa do meu tabelião, que é tambem o vosso, acabo de saber que fostes enforcado.

— E' verdade, senhor, tive essa fortuna.

— Essa fortuna?... O dito pareceu-me um pouco... como direi? Um pouco leviano. Mas disseram tambem que haviéis in-tituido uma renda perpetua á pessoa que...

— A' pessoa que mo enforcou. E' verdade tambem. Não fiz com isso mais que pagar uma divida de reconhecimento.

— De reconhecimento?... Seja como fór não vim cá para me admirar de tudo: vim para pedir-vos um grande favor, e tenho direito a elle. Eu sou lord Hunt, isto é, o mais desgraçado dos homens. Posso seis mil libras de renda, o bem sabeis, senhor, que a desgraça torna a gente superstitioso. Eu queria por qualquer preço que fosse obter um pedaço da... da... porque sei que vós a coi servais preciosamente.

— Um pedaço da corda? podeis fallar sem escrupulo, milord, em minha casa, aprezar do proverbio. Sim, conservei-a pelo mesmo motivo porque o poeta Regnard conservava os ferros do tempo em que fôra escravo. Mas sentai-vos: conversaremos melhor comendo.

Este dialogo tinha lugar em uma magnifica sala de jantar que dava para o boulevard dos italianos em Paris, e onde lord Hunt

acabava de ser introduzido por um criado de libré.

Horacio Trenke, o proprietario della, tinha sobre um busto abdominal á Faltaff uma cara onde a vista chegava subindo tres andares de queixos. Era uma larga e placida cara mollurada por suissas castanhas, radiante de bom humor, e para a qual não se podia olhar sem prazer; involvido n'um *rob de chambre* de fazenda da India de grandes ramagens; Trenke tinha ares de um pagode chinéz.

Uma cabeça comprida em cima de um comprido pescoco, espetado em um compridissimo corpo de uma sópeça, tal era Lord Hunt. Inteiramente vestido de preto, tinha na mão o traste inseparavel de todo o inglez, um comprido chapéu do sol enfiado em uma capa de o'cado que parecia ser o irmão mais moço de quem o trazia.

No convito de Trenke sentou-se á mesa onde estava servida uma succulenta collecção de pratos cosmopolitas, e poz-se a comer com o appetite de um hypochondriaco.

— Milord, perguntou Trenke, não sois o irmão do conde Hunt, membro da camara alta?

— Sou o irmão, o pai, a mãe, o tio, a tia, o primo, a prima do conde Hunt; sou toda a familia; sou o proprio conde Adelino Hunt, e não tenho parentes.

Trenke piscou os olhos e hebeu aos goles um copo de chambertin por cima da explicação, o que queria dizer que elle não tinha suspeitas sobre a identidade do personagem.

— Hunt comia sem parar. Como desculpa de seu prodigioso appetite, disse:

— Tenho bom estomago. Entretanto, acalmada a primeira fome, proseguiu a prelecção biographica que julgava dever a seu hospede.

— Minha vida, disse elle, não é senão um longo infortunio tecido de seda e ouro. A adversidade tomou conta de mim, quando ainda eu estava embryão. Meu pai era um bravo cavalleiro, nobre como o ceptro d'Inglaterra, rico como o ouro, honesto como a virtude, temente a Deus e ás indigestões. Amava muito minha mãe, excellentesenhora, digna daquello amor. Seu unico desejo era deixar um herdeiro; minha mãe deu-lhe um: foi a minha primeira desgraça.

— Chameis desgraça milord, a fortuna de ter nascido de taes pais?

— Sem duvida. A' noticias dos symptomas que annunciaram a proximidade do meu nascimento, meu nobre pai, todo contente mandou convidar seus amigos. Durante tres dias houve festa no castello; tudo eram danças, illuminações e espectaculos. Os amigos divertiam-se da maneira a mais cordial, em honra do bom cavalleiro, e bebiam á sua posteridade com um infatigavel enthusiasmo. De repente, no fim do banquete, ouviu-se um grande tumulto: tinham vindo dizer a meu pai que seu filho havia nascido, e complicando-se a alegria com uma forte indigestão, cahira elle sem vida em uma cadeira.

— Foi devéras infortunio, disse Trenke; vosso pai tinha o sentimento da paternidade, muito forte para a fraqueza de seu estomago. Mas restava-vos ainda o amor de vossa mãe.

— Ah! sim, proseguiu Hunt. Minha mãe amava-me até á adoração. Ella tinha todas as virtudes da alma, todos os dotes do coração. Não querendo confiar o cuidado de minha vida a mãos estranhas, conservou-me junto a si e educou-me. Feliz por me ver crescer, ella brincava comigo e acompanhava-me nos meus estudos. Era diante della que os mestres me instruíam e me formavam para o papel que por meu nascimento era eu chamado a representar. Entretanto, aprez das atenções de que me cercava, cahidoente. Passou ella tres dias e tres noites á minha cabeceira. Eu soffria uma molestia horrivel; estava com bexigas; as bexigas pegaram-lhe, e por sua ordem far-se no mesmo quarto uma cama para ella.

Dahi, esquecendo seus proprios soffrimentos, cuidava de mim e dava as ordens precisas.

Assim, quando ficamos bons, e que ambos nos pudemos levantar, qual não foi a sua alegria! Corremos um para o outro de braços abertos para abraçarmo-nos.

— Horror! um duplo grito se escapou de nossos peitos: estavam de maneira a não sermos conhecidos! As bexigas tinham-no deixado a cara picada como as fructas maduras pelos bicos dos passarinhos, Minha mãe, uma das bellezas da corte, tornára-se hedionda, e eu mettia-lhe mãos...

A pobre senhora não pôde mais ver-me sem pezar. Eu fôra seu orgulho; vaidosa de mim, havia-me mostrado por toda a parte. Dahi em diante viviamos fechados. Tomou-a o spleen, e morreu em pouco tempo. — Deveras, milord, a vossa fortuna é infeliz. (Continúa.)

A PEDIDOS.

A' infausta e sempre chorada morte da Ilma. Sra. D. Luciana Lopes.

SONETO.

Qual ao gelido sopro a flor emmurcheida
Cabe da haste por terra aniquillada;
Assim tornou, gelada, morta, inanimada
Uma existencia de todos tão querida!
Da sociedade uma estrella ei-la perdida!
Ei-la cahida no chaos, voltida ao nada!
Mais uma existencia foi esfada,
Que ainda ha pouco repleta era de vida.
Luciana, já não existe! e eu como amigo,
Venho o pranto meu, minha saudade,
Venho espargir hoje em seu jazigo.
Tu voaste alma pura á eternidade
E livro já deste mundo de perigo
Foste a palma obter da felicidade.
Jaguarão, 5 de fevereiro de 1858.

C. E. F.

ANNUNCIOS

1000000 RS.
DE
GRATIFICAÇÃO

a quem agarrar um pardo carpinteiro de nome Izidro, natural de Pernambuco, estatura regular, pouca barba, e torá 33 annos pouco mais ou menos, foi escravo em Porto Alegre do Sr. barão de Gravataby, depois do Sr. major Bello, e hoje de Boaventura Pacheco dos Reis, do Sima da Serra, donde fugiu. Poderá ser entregue ao Sr. Caetano Augusto Penedo. 4-1

MANOEL DA COSTA

faz sciente ao commercio desta praça e ao publico em geral que desde o 1º do corrente dissolveo amigavelmente a sociedade que tinha com Augusto Bento da Silva, no estabelecimento de funilaria; ficando o abaixo-assinado exonerado de todo o passivo da dita casa.

Jaguaraõ, 4 de fevereiro de 1858. —
Mannel da Costa. 3-2

JOÃO AUGUSTO PENEDO
HAVENDO CONTRACTADO SEU ESTABELECIMENTO

Pharmaceutico com o Sr. Vasco Medeiros, e tendo por isso que se retirar muito breve desta cidade, pede a todas as pessoas que tem debitos em sua casa se dirigirem mandando satisfazer: assim como roga a quem se julgar ser credor de algum de mandar apresentar sua conta para ser embolsado. Não se podendo possivel na occasião de partida estar fazendo cobranças, desta data em diante deixa de despachar em sua pharmacia tudo o que não for pago a vista.

0-3

Jaguaraõ, 4 de fevereiro de 1858.

JAGUARÃO

ARMAZEM

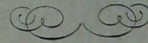
DE

Consignações

DE

IGNACIO RODRIGUES DINIZ,

Chegou assucar de barricas, e saccos, e em meias barricas de varias qualidades assim como arroz de Santa Catharina, e da India, feijão, mendoim, polvilho, e varios outros artigos, os quaes serão vendidos por commodos preços. 5-5



— 40 —

olhando para trás, não viu mais do que uma vasta charneca, acima da qual se eleva a grimpia da cathedral de Strasburgo, em um horizonte carregado de pequenas nuvens alvacentas. Uma lagrima rolo pelas faces de Leonor, a qual felicitamente D. Cristoval distrahir não percebeu.

Mais adiante, enquanto o cavalheiro se recreava com a vista da paisagem, a religiosa recitava mentalmente uma oração em hespanhol, para marcar com uma acção de piedade a sua entrada em terra estrangeira, e começar a sua residencia sob auspicios favoraveis.

Viajãõ toda a noite. No dia seguinte, pelas 5 horas da tarde, a diligencia parou a algumas leguas aquem de Constança, na pequena cidade de Radulfszeli, situada na margem do lago Inferior, em frente do Reichenau. Pouco depois os dous esposos vogãõ em um baixel demandando aquelle fragmento de terra perldo nas aguas, onde de tão longo viahãõ procurar apaz. A hora era solemne; tudo convidada á meditaçãõ. As aguas do lago reflectião uma cor abrasada por effeito dos ultimos raios do sol, assemelhando-se assim a um oceano de cobre em fusãõ. Do outro lado a vista descobria por cima das collinas verdejantes de Thurgovia o rochedo de Hohentwiel, mole gigantesca e maravilhosa que sobre sabia negra no fundo ainda luminoso do horizonte.

Leonor sentiu um aperto de coração ao ver-se no meio desta vasta extensãõ de agua, debaixo de um céu otrangeiro, longe de sua patria, de sua familia, de suas amigas, e sem esperança de os tornar a ver. Desde entãõ considerou-se só. só com seu marido, que tambem por ella abandonava o resto do mundo. Enquanto que a barca balançava suavemente sobre as vagas no rumor cadenciado dos ramos, ella recordava-se da seguinte poesia de um artigo poeta, que parecia ter escripto para ella e D. Cristoval:



CAPITULO V.

A Bohemia.

Leonor contou a D. Christoval a pratica que tivera com a Bohemia. Este encarou o facto pelo lado do ridiculo, zombando da credulidade da sua companheira. Mas no dia seguinte, quando ião em caminho, ella percebeu que Leonor estava abatida e preoccupada, e lembrou-se que a scena da vespera devia ter produzido fundo impressãõ naquella imaginaçãõ sensivel. A catega subiu neste momento uma montanha escarpada através de uma velha floresta. D. Christoval pensou que um pouco de exercicio, o ar fresco da manhã, o encanto da paisagem allumiada pelos primeiros raios do sol, serião uma diversãõ salutar. Com o pretexto pois de que a lentidãõ dos cavallos o impacientava, propoz a Leonor de

Consultorio eclectico-medico,

DO

DR. CANDIDO M. R. P. SALAZAR,

Alopathia, Homeopathia,

Operações, Hydro-Therapia, Magnetismo-

Animal, Electro-Magnetismo.

O dito Dr. offerece ao Publico os seus serviços facultativos por todos os sistemas the hoje conhecidos; e especialmente pelo Magnetismo-animal e Electro-magnetismo.

Practica toda classe de operações cirurgicas, inclusas as do parto, e dá consultas gratis aos pobres que apresentarem attestados competentemente sellados e reconhecido pelos Tabellhões, e passados por algum Sr. Dr. em Medicina, Reverendo Vigario ou Srs. Inspectores do quartirão com o visto do Sr. Dellegado da Policia do districto.

O consultorio estará aberto das 7 da manhã, as 5 da tarde; e a toda hora para os hamedos que lhe fizerem, devendo estes ser por escripto,

Os que quiserem honral-o com a sua confiança podem dirigir-se á sua residencia rua do Triumpho juncto ao Hotel Harmonia Jaguareuse,—

THEATRO
HARMONIA JAGUARENSE

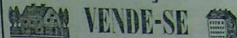
A companhia dramatica Rio-Grandense dará começo aos seus espectaculos quarta-feira 10 do corrente mez levando á scena em recita de assignatura, um drama novo de grande espectaculo, o qual será annuciado pelos jornas logo que a companhia chegar.

Os senhores assignantes terão a honrã de mandar buscar seus bilhetes, e recibos no antigo escriptorio do theatro.

O theatro acha-se melhorado em pinturas como em camarotes.

3-2

ATTENÇÃO



VENDE-SE
Duas moradas de casas sitas na rua Direita, tem todos os commodos necessarios para uma familia: os interessados podem dirigir-se a seu proprietario Manuel Tamagheiro.

ALUGA-SE

na primeira quadra da rua do Portão, uma casa, com bons commodos para moradia de familia.

A Semana

periodico critico e litteral, sahio a luz hoje o terceiro numero. Acha-se á venda na typographia do Echo do Sul pelo preço de 240 rs., moeda corrente.

ATTENÇÃO.

Vende-se por commodo preço na 1ª quadra da rua do Christal, desta cidade uma propriedade de casas dividida em duas lanchas, e um terreno ao lado, contendo 120 palmos de frete, todo cercado de muro, para ver e tratar dirija-se á rua do Triumpho em casa de João d'Azvedo Torres.

3-2

JAGUARÃO — TYP. DO — ECHO DO SUL — DR. JOSÉ MARIA D'AZEREDO.

irem um pouco a pé, a religiosa concordou, e quando lã sós por uma verdade agreste que costava a estrada, o cavalheiro disse á sua companheira:

— Minha cara Leonor, é sempre uma imprudencia procurar conhecer o futuro. Custa-me que tivessis cedido a essa curiosidade; mas enfim, o mal está feito; tratemos de fazer com que não tenha consequencias prolongadas. Ainda que eu não dou nenhum valor ás predições dessa gente, confesso todavia que nesses amontoados de palavras pronunciadas ao acaso pôde encontrar-se alguma cousa que mereça attenção. Não creio na arte dos adivinhos feiticiras; mas creio que a Providencia pôde ás vezes servir, desses cegos instrumentos para annunciar mysteriosamente seus intentos e transmitir aos homens algum aviso. Tem-se visto nestes genero factos bem singulares. Por isso, não obstante eu ter hontem affectado desprezo pela vossa superstição, não deixei de reflectir nas particularidades que me contastes; uma palavra sobretudo me impressionou mais: « O repouso, disse a Bohemia, vos espera na Terra-Santa! » Pois bem, vamos para lá. Que custa isso? Logo que deixamos a nossa patria, todas as terras nos são indifferentes. Mas qual será essa Terra-Santa? A Palestina? Não pôde ser! Quando eu andava nas caravanas, lembrame do ter visitado na Suissa uma pequena ilha deliciosamente situada no lago de Constança; chamava-se ilha de Reichenau e por um sobrenome que data de oito ou dez seculos, Ilha Santa ou Terra-Santa. Este nome provém de uma abbadia de Benedictinos, florecente no tempo de Carlos-Magno, hoje reduzida a ruinas. O nome de Ilha-Santa foi-lhe posto pelo povo, para attestar que n'outro tempo os monges proprietarios do Reichenau alli fizeram florecer a piedade, sem a qual não ha virtude. Tinhamos projectado fixar-nos em algum sitio de Frange; mas a Frange está muito proxima de Hespanha, e as relações são muito frequentes entre os dous paizes. Alli era

fácil a vossa tio descobrir e nosso asylo, e achar meio de nos prender, porque, bem sabeis, elle é activo e vingativo. Sa vos parece, será melhor irmos estabelecer-nos em Reichenau. Devemos considerar a vossa fortuna como perdida; mas a minha será sufficiente para os dous. Eu escreverei a D. Sebastião; este amigo fiel e discreto me enviará as minhas rendas, e viveremos felizes em Terra-Santa, naquello logar occulto da terra, livres de todos os tios, de todos os arcebispos e de todos os malvados do mundo.

Leonor concordou em tudo quanto D. Christoval dizia. A serenidade assomou-lhe ao rosto, o pareceu-lhe demonstrado que as palavras da Bohemia continhão um aviso de Providencia, admirando-se do D. Christoval as ter sabido interpretar tão bem.

Os seus primeiros cuidados assim que chogáram á França foram os de legitimarem a sua união pelo matrimonio. Este passo era de grande necessidade, sobretudo para Leonor, que sentia escrúpulos de consciencia.

Tomáram o caminho de Lyon, e dalli seguirão para Strasburgo sem se deterem em logar algum. Leonor sentiu uma crispção nervosa quando á entrada da ponte de Koth se lhe apresentáram as montanhas vaporosas da Floresta-Negra. Aquello largo rio, cujas ondas verdes se desliviavam susurrando por baixo de seus pés; aquelle azul claro; aquelle valle onde se vião dessimindas aldeas das casas alvejantes e de altos campanarios; aquelles negros amieiros e a folhagem escura e melancolica dos salgueiros; aquelles homens de cabellos louros e faces rosadas fallando um idioma guttural; tudo enfim lhe causava uma impressão de pena indefinivel. Não era a Hespanha! Ella comprehendeu que mudára de atmosphera, que passára de uma natureza ardente para outra languidamente fria. Ao atravessar aquella longa ponte de barcas, julgou abandonar para sempre a patria, o não pôde deixar de virar a cabeça como para dirigir um ultimo adeus á Andaluzia; mas

PREÇOS DA ASSIGNATURA.
PAGOS SEMPRE ADIANTADOS.

Por anno 10000
Por seis meses 5000
Por tres meses 2500

A assignatura pode começar em qualquer dia, mas desde no dia de mez, e é considerada permanente em quanto a redacção não riceber assignatura contraria.

JORNAL POLITICO E COMMERCIAL. REDACÇÃO DE PEDRO BERNARDINO DE NOIRA.

Publica-se diariamente, excepto nos dias immediatos aos dias santificados.

ANNUNCIOS.

Para assignaturas linha 40 c.
Não assignaturas linha 50 r.

Outras publicações pelo que se ajustar.

Todos os escriptos de interesse geral e de litteratura, serão publicados gratuitamente bem como todas as peças officiaes.

AOS SRS. ASSIGNANTES.

Com este numero, termina o primeiro semestre deste jornal, que teve começo a 10 de fevereiro do corrente anno, rogamos por tanto a todos os Srs., que queiram confirmar, hajam de quanto antes mandar renovar suas assignaturas.

ECHO DO SUL.

O SR. VICE-CONSEL DO ESTADU-ORIENTAL DO URUGUAY.

Poucos dias apenas são decorridos, que fica nomeado, vice-consul da B-publica Oriental, nesta cidade, o Sr. José Benito Varela: ao entanto que, já em tão curta periodo de tempo, esse senhor, ou adrede, ou por ignorar os devoirs inherentes a seu cargo, tantas actos repro adas, tem praticado no exercicio de suas funções, que não podemos, à vista dos clamores, que por toda a parte ouvimos, deixar de publicar esses actos, pedindo, ou a cessação delles, por parte do Sr. vice-consul, ou providencias de quem compete, para que se não continue a praticar-as.

Ha tres ou quatro dias que o Sr. vice-consul, desobecendo qual a marcha que devia seguir, em tais casos, ordenou, ou passou um notero em o qual declarava livre, segundo nos informam, a uma escrava de propriedade de um moço de nome Leopoldo Braga, residente á annos nesta cidade.

Essa escrava, o Sr. Leopoldo olteva-a em herança por parte da sua mulher; no entanto o Sr. vice-consul, sem proceder as formalidades da lei, declarou livre por seu poder a essa escrava, e lhe deu o respectivo boleto ou portaria de liberdade.

Poderia tal fazer o Sr. vice-consul?

Certo que não.

O Sr. Leopoldo, ao ter sciencia de semelhante violação e n seus direitos da propriedade, dirigio-se ao Sr. vice-consul, e lhe observou que S. Mc., não podia, nem tinha autoridade alguma, para assim proceder; o Sr. vice-consul, julgou para si, que esse passo, ou antes essa observação tão justa do Sr. Leopoldo, era um desatzo ou insulto á sua autoridade e á dignidade de sua noção;

e sem mais nem menos dirigio ao Sr. delegado de policia e juiz municipal uma NOTA DIPLOMATICA pedindo nella a reparação do insulto que havia recebido; o bem assim que se procedesse criminosamente contra o Sr. Leopoldo Braga, não só pelo insulto que havia feito ao Sr. vice-consul, como pelo facto criminoso de tentar reduzir pessoa livre á escravidão.

O Sr. juiz municipal, atendido á exigencia do Sr. vice-consul, mandou recolher preso o Sr. Braga, sem proceder como devia, a nosso ver, ás necessarias averiguações, sobre a veracidade do facto; mandando-o pôr em liberdade 24 horas depois.

Julgamos que houve precipitação, por parte do Sr. juiz municipal, porque segundo nos informam, essa prisão foi injusta, pois o Sr. vice-consul, foi quem rompendo em excessos, injuriou a esse moço, que por sobre o insulto recebeu a prisão.

Consta-nos que a pedido do Sr. Leopoldo se está procedendo ás necessarias averiguações judiciaes, para o que já foi aturada a nota DIPLOMATICA do Sr. vice-consul, na qual se imputa um crime grave ao Sr. Braga, que banado nos direitos que a lei lhe concede, trata de proceder criminalmente contra o Sr. vice-consul, pela calumnia e injuria, que lhe irroga na citada nota.

Hontem; em audiencia do Sr. juiz municipal, na casa da camara municipal, e com a assistencia do Sr. Dr. promotor publico, começou-se a inquirição de testemunhas, interrogatorio, etc.; esperamos o resultado final para o levarmos ao conhecimento de nossos leitores.

Não é este o unico acto sensuroso do Sr. vice-consul; em seguida publicamos tambem uma outra portaria de S. Mc. autorizando a uma mulher a tirar do poder de um cidadão respeitavel chefe de familia, uma criança menor, que para educar, fóra entregue a esse cidadão.

Não sabemos como ou de que maneira, o Sr. vice-consul, despresando os canaes legais, assim dá autorizações a fórtro e a direito.

Julgará S. Mc. que o Jaguarão é uma republica, e que S. Mc. é o dictador, e que como tal, não tem satisfações a dar?

Cremos que o Sr. Varela, assim tem procedido, impensadamente, e por não conhecer bem, quaes os devoirs que na qualidade de vice-consul tem a exhibir.

No Jaguarão ha autoridades constituidas, que devem ser respeitadas e acatadas. O Sr. Varela, deve pois a ellas dirigir suas reclamações, que depois de legalmente justificadas, serão sem duvida promptamente attendidas.

Não são só, segundo temos ouvido dizer, estes dois, os unicos actos absurdos praticados pelo Sr. vice-consul.

Consta-nos que outros — BOLETOS — ou portarias de liberdade tem se feito extrahir pelo vice-consulado, a cargo do Sr. Varela; e se fomos neste andar, dentro em poucos dias não haverá um só captivo em Jaguarão, porque o Sr. Varela terá dado a liberdade a todos, e os naturalizado a todos orientaes.

Concluiremos lembrando ao Sr. Varela, que a justiça bem ordenada, começa por casa, e que visto estar S. Mc. autorizado a sem mais nem menos libertar quantos captivos ha em Jaguarão, deve em primeiro lugar dar o respectivo boleto de liberdade, aos captivos de sua propriedade.

Esperamos que o Sr. Varela, se competetrará de que tem errado, e que d'ora em diante evitará a reprodução desses erros, e remediará os que tem praticado, sob pena de ter de passar por alguns dissabores se assim o não fizer.

S. Mc. não deve ignorar que a nossa Constituição, garante a todo e qualquer cidadão o direito de propriedade; e que se aos nacionaes se obriga a respeitar esse direito sagrado na pessoa dos estrangeiros, com muito mais razão a lei deve obrigar o estrangeiro a respeitar nossos direitos inalienaveis por essa mesma lei.

Eis a portaria do vice-consulado:

Vice-consulado de la Yaguaron, 2 de Republica Oriental del Uruguay de 1857. Uruguay.

Yo José Benito Varela, vice-consul del Estado Oriental del Uruguay, autoriza á la subdita Oriental Juana Vera, llamar así un hijo de nombre Juan Olindo menor de cinco años que se halla en poder del Sr. Benito Leivas, contra la voluntad de su madre, con la obligacion de dar cuenta a este ministerio de cualquier ocurrencia contraria a esta mi orden. Lo que racionando así se cumpla

Jose Benito Varela.

As verdades do «Despertador»

Em seu n.º de hontem o Despertador tentando por um artificio fazer o Sr. juiz municipal Hilario Amaro da Silveira, quiz fazer crêr, com uma calumnia só propria do autor de tal escripto, que o Sr. Hilario havia dito uma como satisfação ao Sr. Leopoldo Marques, pela publicação que fizemos de um officio desse Sr. como presidente da camara, ao Sr. Hilario como delegado de policia.

Esse escripto que todos sabem partir da habilitação do Sr. administrador da mesa de rendas desta cidade, não teve outro fim mais que desonrar ao Sr. Amaro, fazendo crer ao publico, que este Sr. esquecendo sua dignidade, tinha-se humilhado a ir dar satisfações exigidas pelo Sr. Leopoldo Machado Marques.

O conceito que por seus precedentes, goza o Despertador nos dispensava de responder a esse escripto, tão calumnioso como todos os outros que nesse jornal tem apparecido, todavia como ali com a maior impudencia, se avança a dizer que se ileu um facto que nunca teve lugar, nem seríamos copaz por nossa dignidade de consentir que elle se desse, somos por isso forçado a dizer duas palavras, afim de que o publico dê o merecido valor e credito, ao que se diz contra nós e o Sr. Amaro.

Logo que assumio as varas da delegação de policia e juiz municipal, o Sr. Hilario Amaro da Silveira, referperamos a S. S. que ordenasse a seus escriptos que n s fornecesse copia de todas as peças officiaes tendentes ao expediente dos juizes a cargo de S. S. O Sr. Amaro deferindo nosso requerimento, assim o ordenou, e desde então todos os dias mandamos uma pessoa ao cartorio afim de nos trazer essas copias para serem publicadas, independentemente de mais consensos por parte do Sr. Amaro, pois não é possível, nem nos sugeriarmos a todos os dias mandarmos pedir permissoes para fazer publicar qualquer insignificante officio de qualquer insignificante personagem.

Ora tendo o Despertador de hontem afirmado que o Sr. Amaro dissera não ter sciencia das publicações que se fizeram em nosso jornal de alguns officios, entre outras as do Sr. Administrador da mesa de rendas, que pelas proprias mãos de S. S. nos foram entregadas para publicar, assentamos, (o não nos enganamos) ser essa uma calumnia mais, por esse periodico assacala ao Sr. Amaro, para o desconcertar, pois não era possivel fôrmos que o Sr. Amaro tal procedimento tivesse.

Em consequencia dirigimos ao Sr. Hilario Amaro, a carta que em seguida publicamos; e a resposta de S. S. veio confirmar o que suspeitavamos e mais uma vez desmascarar o Despertador. Pelos domingos tiram-se os dias santos. Se o Despertador tiram-se os dias santos que o Sr. Amaro disse quando affirmo que o Sr. Amaro dissera ter-nos chamado á sua presença para estranhar o nosso proceder, como tambem ao Sr. tabellião publico, mentio tambem em todo o mais continuado em seu artigo.

Não o Sr. Amaro, eamos, era capaz de estranhar-nos procedimentos em os quaes elle não pode nem tem autoridade para intervir, nem nos seriamos tão ignorante ou tão pusillanime que nos sugitassemos a receber lalhados taes reprehensões.

Em lugar competente — a pedido — publicamos tambem um attestado do Sr. Amaro passado ao Sr. Tabellião publico, o qual prova ser igualmente inexacto tudo quanto diz a respeito desse senhor o mesmo Despertador.

E é desta maneira que o Despertador, ao tuma a fallar verdades...

Quando se casará o Sr. administrador da meza de rendas, de assito affrontar a opinião publica, com tanta impudencia?

Quando lhe subirá o rubor ás faces, quando deixará esse homem cabir a mascara de ferro que lhe forra o rosto? Nunca talvez.

Eis ali a resposta do Sr. Amaro; o publico que assiste e avista, o procedimento ao Sr. Amaro, e o do administrador da meza de rendas José Luiz Cordeiro da Camara.

Ilm. Sr. Hyllario Amaro da Silveira.

Surpreendido pela leitura do bispentadon de hoje, sou forçado a exigir de V. S. sob sua palavra de honra, ha de declarar ao pò desta, se é verdade ter V. S. me feito chamar á sua presenca, e me advertido ou feito que quer obser. açoes, sobre a publicação de seus actes em meu jornal; e hem assim se a publicação desses actos é ou não feita com sciencia sua e seu consento.

Davido e muto, e nem creio, que V. S. avancasse a proposição, que se lê no mesmo jornal, de se achar ressenhido com meu procedimento REVOLTANTE; e por tanto espero que se não negará, prezando como deve a verdade e a honra, a fazer uma explicita declaração.

Não julgando tambem V. S. com direito a me fazer chamar á sua presenca para advertir-me ou reflexionar-me sobre publicações feitas em meu jornal, julgo dever acrescentar que exijo de V. S. a tal respeito, uma resposta, tão clara quanto categorica.

De V. S.

Atteuto venerador e affeccionado amigo,

Pedro Bernardino de Moura.

S. C., 14 de agosto de 1857.

Ilm. Sr. Pedro Bernardino de Moura.

Contestando a sua carta de hoje e impreme-me dizer-lhe que, o inexacto o haver eu chamado a V. S. para advertir-o, ou fazer-lhe observações sobre publicações de meus actes em seu jornal; concordando em ter sido sciencia de algumas publicações, mas não de todas.

E' igualmente inexacto o resentimento de que fala; por quanto não attribuí a V. S., a publicação que se fez sem meu consento.

Creio ter clara e categoricamente contestado como V. S. exige.

De V. S.

Amigo, venerador e eriado,
Hyllario Amaro da Silveira.

S. C., 14 de agosto de 1857.

OCCORRENCIAS.

THEATRO. — A companhia dramatica vai afinal desapparecer-nos amanha com o melhor drama, que até hoje tem subido á scena no theatro desta cidade. E' elle a DAMA DE S. TROPEZ.

Até agora o Sr. Augusto nada havia dado ao nosso publico uma prova convincente da que é consumado artista, ao desempenhar esse papel de LATORRE, a fidelidade artistica não está por certo ao alcance de todos apreciada.

Amanha pois será para o Sr. Augusto, cremos, uma noite de triumpho, pois segundo nos informam, o Sr. Augusto no officio papel de JORGE MATHEO na DAMA DE S. TROPEZ, rivalisa com seu proprio mestre o Sr. João Caetano dos Santos.

Ao publico pois cumpre não perder essa, talvez unica, occasião de apreciar e admitir os prodigios da arte.

STANBIO. — Em S. Gabriel no dia 11 do p. p. suicidou-se com um tiro de pistola o Sr. João José Ramos de Faria, socio da firma commercial da mesma villa de Antonio José de Faria e Irmao.

A apprehensão que fizera, sobre o não pagamento d'uma quantia que se lhe devia, deu lugar a este acontecimento.

PERFIDIAS. — O biscaíno Christovão Echeparborda e o soldado que com elle coadivara de cántida desta cidade, nas medições do Herval e Cacimbinhas fizeram alguns roubo; consta-nos agora que tinham desaparecido daquelles lugares e suppunham tivessem dirigido-se a Bagé. Recomendamos a vigilancia das policias.

TRANSCRIPÇÃO.

O LIBERAL JAGUARENSE.

Correspondencia particular do Noticiador.

O vapor sahio amanha as 6 1/2 horas da manha, e eu não tenho feito nada ainda, nem passo, pois os meus graves encomodios me prostraram, mas como não quero deixar passar um vapor sem levar a minha acostumbrada missiva, por não faltar esta vez remetto-lhe uns APOSTAMENTOS PARA O POVO, que em minhas horas vagas rabisquei, se merecem ver a luz publica podeis publical-os.

A DEMOCRACIA.

(Apontamentos para o povo.)

I.

Deus não fez ao homem, fez aos homens. O homem não é todo, é uma parte, a sociedade é o todo a que pertence. Tuma o homem isolado, e cada orgão, cada membro d'um corpo, provará que é um pedaço que havelo arrancado de outro corpo.

A sociedade é pois obra de Deus. Os publicos, que aos proclamam autores da sociedade, — mentem. — Chegaram a esse erro por que nenhum espirito pode fazer uma logica exacta, senão se penetra de sua miseria e de sua pequenez, passar desses limites e collectar os erros que só se acham na região vedada a nosso alcance. Apresentem-nos como creadores da sociedade é factum nos erros o que não somos e duvidar do que somos.

Escutai, estas são as consequências que os povos flectam fruir desse principio fatal.

Temos creado a sociedade, podemos destruil-a.

E' obra nossa, é nossa propriedade, o povo é soberano, é dizer, pode fazer o que quer. Os governantes são nossos servos, mordomos que collocamos e assalariados, para que cuidem do nosso.

E não temos destruido a sociedade por que na nossa ignorancia não sabemos o segredo para sua destruição.

E querendo fazer o que nos vinha a vontade ficamos divididos e o mais forte tyrannizou-nos. E zombando dos governantes, hemos brincado com os enjigos.

Oh! a sociedade não pode repousar sobre semelhantes absurdos.

Elle precisa ter outras leis que é preciso descubrir. Essas leis devem produzir o resultado contrario, penetrar o homem na sua verdadeira missão e não encher de fatualdas aos povos, por que quotidianamente se nos apresenta o sangrento espectáculo da explosão de seus erros.

II.

A democracia é o perfeito equilibrio entre os deveres e os direitos do povo. Para proclamal-a devia-se antes fazer-se uma lista exacta desses deveres e direitos, ou mais bem dito não se devia proclamar, o politico devia emitir ao lavrador no seu methodo, collocar a semente e preparar as terras. Instruido o povo de seus deveres e de seus direitos, a democracia rasgando o véo das trevas, levantar-se-ha por si mesma.

Mas quizeram que a democracia fosse a obra violenta da revolução e a democracia não resistiu, não perceberam os revolucionarios ensanguentados que a espada o o punhal não fazem mas que destruir.

Bruto, não foi mais do que um assassino, o povo em rebellião matando e destruindo não é mais do que uma banda de assassinos.

Entretanto ha meios para entrar e applausos para o povo desenfreado.

Como era possível obter desse modo a democracia.

Meditemos — Resolvamos o problema de nossa sorte, a espada não fez mais que ensanguentar-nos, lancemos longe de nós a espada e meditemos.

Recorramos a fonte dos direitos e das obrigações e scientificados do que nos pertence, obremos, mais obremos sem afastarmos dos limites em que nos achamos.

III.

Ninguém pôde ser soberano do Universo, senão Deus que o criou.

Os homens que formamos a sociedade, somos uma parte desse Universo.

— Com que direito pois arrebatamos a Deus a soberania dos povos?

O povo não é soberano de si proprio, depende das prescripções eternas com que se conserva o Universo, hoje por ter o povo a força, pode fazer o que quer; com a força

ha de subjugar a um homem, a um círculo de homens mais pequenos. — Mas não temo faz um tyranno e tanto o povo com sua forte, como o tyranno com a forte do povo, não podem trocar a natureza de seu destino.

Se o povo se creí soberano porque tem a força, organize-se como o seu força. — ja elle tem experimentado mas, nada. — esta soberania é falsa, que não é sufficiente para si mesmo?

Dizer facilmente é tão fácil como o que nos faz parecer nossos mestros da que somos, que a theoria da soberania dos povos, foi acollida com entusiasmo Juntos, e foi preciso que um insuporável tralaxe ao povo como escarva para tornal-lhe o que era, e esse povo era o que pejava pelo seu soberano, e teve de bojar as plantas d'um dominado, d'um tyranno. I.

Eleger muito es povos e preparal-a para uma queda horrivel, a historia moderna e contemporanea, nos mostra que todos esses dramas de soberania popular, findar in por collocar no poder um tyranno que expulsa a soberania e o povo aviltado, escarmentado mal-diz a democracia e decide so finalmente pela tyrannia.

IV.

A sociedade não é nossa po's, e a palavra REPUBLICA, deve trazer-se pelo da era. Da conseguinte, que coisa pode haver que nos mereça mais respeito que a sociedade? Por ser ella a terra d'ocorre da creação, se combe que é a obra predileta de Deus, e entanto nos escurramos a sua direção. Visto isto não podemos fazer o que quizermos della, temos que desobediencia a lei de Deus e com esse lei desobediencia.

Essa lei sagrada é a democracia, p. r. que nos designa direitos e obrigações que o homem não se julga de que e nem menos do que deo ser. Isto é precisamente o que quer a democracia, esse é o equilibrio dos deveres e dos direitos e qual unicamente pode repousar a ordem social.

Por essa lei se condemna a lutta dos partidos — Um partido nunca quer que seus adversarios seja mais do que elle. — A lutta dos partidos é pois contraria á verdadeira democracia e só se pode ter fallado no erro que deixamos combatido, do que o homem possa fazer da sociedade o que quizer, como obra sua.

Os partid a deslo que fazem pecher o equilibrio da igualdade são os verdadeiros assassinos de democracia e os que engendram a tyrannia. Parece impoavel que um chefe de partido deite do ser um tyranno por que contrabe com seus partidarios obrigações que não pode preencher sem mingua dos direitos alheios. Isto não é outra coisa que fazer da sociedade o que se quer, de consequente e partir da supposião de que a sociedade é obra nossa, que para sua formação fizemos um pacto e que esse pacto podemos desmanchal-o do mesmo modo que fizemos — Y SALVE SE QUEM PUDEDA!

Desgraçadas consequências d'um so erro filho do orgulho!

V.

Se é certo que está marcado nos desigmos de Deus, que dirigamos nossa intelligencia, na sociedade que creou para nosso bem, os governantes occupam um papel de summa importancia.

Claro é que tod s' não temos o direito de governar, como dizem os falsos praguadores da democracia, a sociedade é uma obra di-

(1) Alludimos aos povos dominados por João M. de Rosas.

vina tem arrancos que todos não podemos penetrar, é pois necessário confiar aos mais habéis para o governo.

A acção do governante exige um trabalho de meditação constante, de perspectiva difficil, de feliz inspiração. Os homens de intelligencia mais clara são pois os escolhidos de Deus para dirigir sua obra.

E' falç, pois que os governantes sejam os mandatarios do povo, por qdo desta doutrina se deduz que são os mandatarios de Deus.

O principio da autoridade é o primeiro agente dos povos, danda este principio não tem prestigio não ha ordem, donde não ha ordem não ha democracia.

Agora pois eleva-se ao ignorante, ao estúpido, ao vicioso e criminal para dirigir a sociedade e se verá como o principio de autoridade perde o prestigio em suas mãos e então caduca o fundamento principal da democracia.

Tanto que amamos a nossas liberdades e tão pouco que fazemos por ellas.

Se queremos que a democracia nos cubra com seu manto protector por que resemos esse manto?

Não ha felicidade para o povo sem democracia, só os que vivem em povos democraticos são felizes e deveis saber que não ha democracia sem que o principio d'autoridade se levante cheio de prestigio e sem que o respeito que nos inspira nos faça ver o dever que nos corresponde para conservar o equilibrio social.

Contraste raro! — Os mais fanaticos apredadores da democracia, instigam ao povo

— contra as autoridades, sem comprehender que uma vez que o povo rompe a barreira que separa-o do governante e profana com seus desbordes o santuario das leis, sobrevem as inundações da immoralidade e da licença, e o povo então converte-se em hordas de salteadores que nada contem.

Deus perdoo aos falsos prophetas da democracia!

VI.

Nos queremos a democracia, isto é inaudavel, estão applaudimos este desejo, por que é nobre e conforme a civilização que devemos aspirar.

Mas, ao entrar em questão devem reconhecer que não temos democracia....

Se queremos pois esse justo equilibrio nos deveres direitos, é preciso ante todas as cousas que deixemos esse excessos d'amor proprio pelo qual nos julgamos capazes de tudo, e preciso que reconheamos a sociedade tal qual é, com toda a solemnidade como obra divina.

Outra axioma que devemos reconhecer previamente é que a revolução é o caminho da perdição, para conseguir esses fins, e que devemos fugir della para obter por resultado pratico e positivo o mesmo que se tinha intencionado.

Então sim, lancemos sem temor a semente e preparemos as terras, que a democracia levantar-se-ha por si só, e recollectaremos então seus frutos.

A preparação das terras, consiste no fiel cumprimento de nossos deveres como cidadãos, bem marcados no nosso sagrado codi-

go fundamental. — Devemos construir-nos nesse livro sacro em uma palavra, não vamos surpreender a democracia com os gritos de impaciencia e deixemos que ella nos surpreender-nos na pratica de nossas obrigações.

VII.

Se as verdades que deixamos consignadas, os commovem o coração, esta convicção não pode produzir outro effeito mais que um verdadeiro progresso para o paiz.

Não devem ouvir os conselhos dos falsos prophetas da democracia, que apontam a revolução como unico meio de chegar os povos a democracia.

Em testemunho da verdade falla a historia e prova com exuberantes factos que a democracia sempre fugio da revolução aterrorizada, por que essa Deusa henfarija dos homens, não quer sobre sua fronte os sagrados louros que lhe brinda a espada assassina, mas sim as suaves flores da convicção e da razão.

Eis ali a democracia.

Este é o que rabisquei em muitas vozes, consultando já a este, já aquelle autor cujas idéas foram democraticas, e é tambem quanto posso offerecer-vos neste rap.r.

O Liberal.

A PEDIDO

Thom. Sr. juiz municipal

Fiz o 1.º tabellião publico desta cidade Manoel Nolasco Rodrigues Paz, que supplicante, precisa a bem de seu officio e justiça que V. S. digna-se attentar sobre a conduta do supplicante como tabellião publico, e se durante o tempo em que V. S. dignamente exerceo o referido officio tem o supplicante dado lugar a que seja reprehendido, ou ao menos almocorado por actos de seu officio.

P. a V. S. a grove de attestar-lhe o que diz de justa e nada mais — e se de justiça e nada mais.

E. R. M.

Manoel Nolasco Rodrigues Paz

Attesto que supplicante durante o tempo que comigo tem servido, tem como tabellião publico observado nos conductos, dando lugar a reprehensões, ou almocorações. O referido é verdade. Jogaço 14 de agosto de 1857. — Hilario Amaro da Silva

CAPITULO VI.

Os cavallos, trotando largo pela avenida, ganharam a estrada de Pariz. Estavamos, tanto um como outro, demasiado preocupados para que nos fosse possivel pronunciar uma palavra. No fim de alguns minutos o coronel olhou para mim com sorriso singular.

— Então? me disse elle, já a vistes; como a achais?

— Admiravel, coronel. Mas que presença de espirito!

— Quando me lembro que neste momento, proseguiu o coronel, o Inglez mette o chicote no pobre cachorro, dá-me vontade de rir ás gargalhadas.... Mas não é rir de alegria, acrescentou elle. Que fatalidade! Eu a tinha perdido de vista ha mais de um anno, a ponto de ignorar sua existencia..... Fostes vós quem me indicastes a sua habitação, e completamente ao acaso, não é assim

Mas, qual não foi nossa surpresa vendo os dois grandes lampões de entrada acesos, e no pateo as luzes das lanternas de vinte ou trinta carrogens enfileiradas em muitas linhas!

— E esta! disse eu ao coronel; temos festa aqui!

— Estou encantado, replicou elle; estava recioso de não ter luz bastante para vizitar a casa á minha vontade.

Olhou para o meu traje e o seu:

— Estamos de casaca ambos, contianou, e satisfivelmente bem vestidos para não magoar o amor-proprio do dono da casa.

— Mas, coronel, sem ser convidado nem conhecido....

— Se fosse uma ou outra cousa não me appaunavam aqui, eu vo-lo affirmo.

Era forja acompanhall-o. O porteiro e os criados nos acompanharam por convidado e nos fizeram as primeiras honras da casa. Chegando a um grande peristyle, quente como uma estufa, e radiante de flores e luzes, perguntaram-nos quem haviam annunciar.

O coronel respondeu:

— Ide dizer ao dono da casa que chego aqui.

— Creio que mylord está muito occupado neste momento, contestou um criado; acabam de sentar-se a mesa da ceia.

— Ah! diabo! me disse em voz baixa o coronel, estamos em casa de Inglezes.

No entanto o criado fez dar parte ao dono da casa, que chegou cinco minutos depois.

Era um homem de perto de quarenta e cinco annos, de physionomia honesta, rosto um pouco encarrugado, peito largo, abba-men proeminente e rotundo sob um vasto collete branco excessivamente comprido; quanto ao mais, tinha bellas maneiras, e fallava alto e franco.

— Senhores, nos disse com expressão um tanto suspeita, o vosso carro quebrou-se perto daqui, e tenho o maior prazer em

O ULTIMO CORONEL.

EDITAL.

[COTA]. — O capitão Hilario Amaro da Silveira, juiz municipal, na cidade de Jaguarão e seu termo na forma da lei etc.

Faço saber, que se correm pregões da lei e do estylo, pelo tempo do novo dia, a contar da data deste, fendo os quaes se procede a arrematação e as lres postas successivas, e na ultima se arrematarão os bens seguintes: um bilhar com seus pertences completos avaliada em 3000\$200 rs. 10 cadeiras de palhinha no valor de 20-000 rs. uma armariozinha de loja, no v.l. r. de 22-000 rs. um balcão para venda, no valor de 10-000 rs. duas mesas pequenas ambas no valor de 20-000 rs. um damero, no valor de 1-000 rs. um jogo de dominó, no valor de 1-000 rs. pihl rados o executado José Antonio da Rosa, na execução da sentença que lhe move seu credor, Santiago Oyamburo, e se hade tudo arrematar a porta da casa do depositario das ditas bens, Martinus Iborge, cita na rua Direita, esquina a rua do Parão, as 10 horas da manhã do dia 19 do corrente. E para que chegue a noticia de todos mandei affixar o presente nos lugares da estylo, e de costume.

Cidade de Jaguarão, 10 de agosto de 1887. — Eu Manuel Nolasco Rodrigues Paz escrivão que o escriv. — Hilario Amaro da Silveira. — V. S. S. Esc. — Silveira.

AVISO MARITIMO



O VAPOR RIO GRANDENSE

Segue para o Rio Grande com escala por coltas, segunda-feira 17 do corrente ás 6 1/2 horas da manhã.

ANNUNCIOS.

vende-se

uma cabra com cria, por commodo e preço nesta typographia se dá quem a tem para vender. 3-1

ECHO DO SUL.

Quem ti er uma colleção completa deste jornal, e a queira vender, dirija-se a esta typographia. (A)

THEATRO HARMONIA JAGUARENSE

COMPANHIA DRAMATICA DO GRANDENSE

D.ª RECITA DE ASSIGNATURA.

Amambau, 16 de agosto de 1887.

Depois de uma escolhida overture, terá lugar a primeira representação do grande drama em 5 actos:

A BRUXA DE S. TROPEZ.

Terminará no spectaculo a comedia em 1 acto, da Penna:

OS IRMÃOS DAS ALMAS.

O spectaculo começará ás 8 horas.

Os bilhetes acham-se á venda no theatro.

PREÇOS DOS CAMAROTES 6'000
DE PLATEA 2'000

receller-vos.... Convidai algumas pessoas do Paris e dos arredores. Festejamos o anniversario do meu natalicio.

— Mylord, respondeu o coronel, dou-vos sinceros parabens. Junto os meus votos aos de vossos amigos; porém sou demasiado franco para vos esconder o fim da minha visita. Esta casa está para vender.....

— E' verdade, senhor, contestou o Inglez um tanto surpreendido; vou residir na Italia....

— Venho pois visitar a vossa propriedade e suas dependencias antes da entrar em ajuste.

— Oh! tornou o Inglez com acento guttural, á meia-noite! Dar-se-ha caso que fizesseis alguma aposta?

— Não, mylord, não, acrescentou o coronel; não é meu costume escarnecer de ninguém, ainda menos de um homem honrado como vós; porém ainda que vos pareça extraordinario, devo declarar-vos que durmo todo o dia, e só costumo tratar dos meus negocios de noite. Deveis comprehender isto melhor do que qualquer outro, mylord; o parlamento na Inglaterra não abre as suas sessões senão com as velas accesas.

— Oh! replicou o Inglez, cada um vive a seu modo. Pois bem, senhores entrai, o sêdo dos vossos.

— Chamo-me o coronel Florimondo, disse o meu companheiro extraordinario.

Declarei-lho tambem o meu nome, e acompanhamos o nobre Inglez aos seus brillantes aposentos, onde se celebrava o jubileo anniversario da seu natalicio, feliz acontecimento para o mundo!

A festa nos pareceu logo agradavel e de bom gosto. Colavam em uma galeria gothica de vidros coloridos e toda adornada com amaduradas. Havia alli umas dez ou doze mezas pequenas elegantemente servidas.

O dono da casa nos precedia, e nos conduziu á sua mulher,

assistida a uma das mesas na extremidade da galeria. Rixava em toda esta sala um perfume de boa companhia embri poder.

— Milady, disse o Inglez á sua mulher, apresenta-vos....

Não teve tempo de pronunciar o nome do coronel nem o meu; um grito retumbou; a bella lady perdeu os sentidos; tinha-lhe mordido no pé um cachorrinho d'agua, um pequeno Carlos II, que estava de-baixo da mesa.

Foi um alvarago extraordinario. No meio de todo este barullo o coronel achou meio de me dizer ao ouvido:

— Voltamos para o nosso carro, porém o mais tranquillamente possível. A mulher do dono da casa não foi mordida no pé, mas sim no coração. Reconhece-me, Que fatalidade!

Saltamos da casa sem que nos dassem a mais pequena atençaõ. Entramos no coupé, e o coronel disse ao laçao,

— Rua Richelieu, canto do Boulevard.

O ECHO DO SUL.

PREÇOS DA ASSIGNATURA.

PAGOS SEMPRE ADIANTADOS.

Por anno	16000
Por seis mezes	9200
Por tres mezes	5200

A assignatura pode começar em qualquer dia, mas finda no fim do mez, e é considerada permanentemente em quanto a redacção não receber aviso em contrario.

JORNAL POLITICO E COMMERCIAL.

Publica-se diariamente, excepto nos dias immediatos aos santificados.

ANNUS NOSTRUS.

Para assignatura Rubla de ouro.
Não assignatura Rubla de prata.

Outras publicações pelo que se ajustar.

Todos os escriptos de interesse geral e de litteratura, e suas publicações gratuitamente bem como todas as peças offereças.

ECHO DO SUL.

OSR. VICE-CONSUL DO ESTADODORIENTAL DOURUGUAY

Não pensavamos pegar na penna para censurarmos os actos do Sr. vice-consul oriental nesta cidade, mas nosso dever, como jornalista, nos obriga hoje a fazê-lo.

Pouco tempo tem decorrido depois da nomeação do Sr. José Benito Varela para vice-consul oriental nesta cidade, no entanto que esse senhor, ou adrede, ou por ignorar os deveres inherentes a seu cargo, tantos actos censuráveis tem praticado no exercicio de suas funções, que não podemos ficar mudos perante a execução de tais actos.

Diz o Sr. Varela, no seu apêndice publicado no *Despertador* de 25 do corrente: — *que nunca deju de guardar aquel decoro que merece la nacion brasileira; que nunca se desviou de sus atribuciones en las reclamaciones que hizo a las autoridades del lugar; e mais adiante no mesmo apêndice diz: — por que una vez que así praticó deju conocer que los empleados de la justicia, no son mas que meros automaticos, sujetos a mi voluntad! ! ó que entonces desconocen mi autoridad y por lo tanto desrespetan las leyes del pais.*

Muito se ufana disto o Sr. vice-consul, mas se as autoridades do lugar toleram muitos actos do Sr. Varela, não foi porque são meras automaticas, mas sim por prudencia, e para impedir que houvesse por um momento alterações ou divergencias com um representante de uma nação amiga.

O Sr. Varela, bem sabia que em Jaguarão havia autoridades constituídas que devem ser acatadas e respeitadas, que a ellas deviam ser dirigidas suas reclamações, as quaes seriam promptamente attendidas, o entretanto o Sr. Varela, expellio a seguinte perlição:

Vice-consulado de la República Oriental del Uruguay. — Yeguaron 2 de agosto de 1857.

« Don José Benito Varela, vice-consul del Estado-Oriental del Uruguay, autorisa a la ciudadana Oriental Juana Vera, llamar á á si un hijo de nombre Juan Olindo, menor de cinco años que se halla en poder del Sr. Bentos Leivas, contra la voluntad

de su madre, con la obligacion de dar cuenta a este ministerio de cualquier ocurrencia contraria a esta mi orden. Lo que reconitendo así se cumpla.

« José Benito Varela. »

E' de suppré que o Sr. Varela nesse caso procedeu impensadamente, ou por não conhecer bem quaes os deveres que na qualidade do vice-consul tem a exhibir, apesar de ufana-se de conhecer bem suas attribuições.

Findaremos lembrando ao Sr. Varela que a justiça bem ordenada começa por casa; e para que fique sciente de que queremos dizer transcrevemos o que disse o *Despertador* n.º 35 de 12 de agosto do corrente anno:

« Ha tempos nos informaram que o Sr. vice-consul antes de entrar em exercicio de seu emprego, chamára a si uma criatura la que se achava alijada em casa do Sr. João Pedro Gonçalves, a pretexto de que era « oriental »; não sabemos porém, a qual o resultado que houve acerca dessa rap riga, o que vimos, foi que durante o tempo que ella esteve em casa do Sr. vice-consul (ontão somente José Benito Varela, se achou empregada no serviço particular do Sr. Varela, tambem ignora a mos se era ou não pago o seu trabalho.

« Tambem dizem que o mesmo Sr. vice-consul conserva em seu serviço, um outro a preto de nome Ant nio, o qual tambem é oriental; o que não sabemos é se o Sr. vice-consul faz isso por comiserção ou interesse proprio... »

Esperamos que o Sr. Varela se compenetrara de que tem errado e que durante em diante evitará a reprodução desses erros ou abusos.

Basta por hoje.

INTERIOR.

CORRESP. PART. DO

ECHO DO SUL

Pelotas, 18 de dezembro de 1857.

Os nossos amigos do *Despertador* já não de ter-nos cantado um *contristissimo — de profundis —*, persuadidos como deviam estar, que os seus furibundos golpes nos teriam dado uma prematura morte litteraria... mas não, senhores, ainda estamos vivos e vol-

tamos a senda do jornalismo, inda que depois de uma pequena interrupção, que foi motivada por uma viagem, que tivemos de fazer a algumas povoações da campanha. De volta desta pequena digressão dobramos de novo ao nosso espontaneamento contínuo de ver o continuarmos a nossa tarefa.

— Durante a nossa ausencia perderam-se os números do *Echo*, que pelo vapor me foram remetidos, e assim não soube, se a minha resposta aos tres engenhosos retratos — do *Despertador* foi publicado ou não; desejo que assim tenha sido, para que os Srs. redactores deste importante periodico não se persandam que sem represália nos corvassemos aos seus golpes.

— Passando ás novidades da terra, devo em primeiro lugar dizer-vos, que o jornalista começa a tomar um extraordinario de interesse e a fazer como sempre foi — *surge et invenit!* — entre nós proeminente, pois-que a alavanca de Gutenberg começa a trabalhar com afinco. Não ha ainda tres mezes, que se existia o jornal politico *Noticiador*; eis que começa a publicação do *Ramallete Rio Grandense*, que é seguido pelo *Araribá*, ambos jornaes litterarios, e ali-al schün neste mez na typographia do *Ramallete* á luz o *Gratis*, jornal annuador, ao qual se seguiu immediatamente o ultimo dos cinco astros litterarios da terra. O *Cometa* publicado pelo Sr. Luiz José do Ampós. As duas linguas que remanecer, que o *Araribá* foi erido em opposição ao *Ramallete*; o *Gratis* em opposição ao *Noticiador*, e finalmente o *Cometa* para esmojar em o seu terrivel rabo o *Gratis*. Mas isto são fallatorios, e estamos bem persuadidos que a unica causa desta multidão de publicações seja o espirito de progresso, que começa a trabalhar em Pelotas. Ao menos a julgar-se imparcialmente deve reconhecer-se que esta explicação tem mais verosimilhança do que estas historias de opposição recidivocças.

— Aqui temos a companhia dramatica e as senhoritas Romero, primeiras bailarinas espanhulas. A primeira tem sido como sempre bem aceita, e o Augusto nos tem divertido com varios e bons espectaculos, entre os quaes avulta — Um testamento falso —, composição do Sr. Manuel José de Silva Bastos, e ja feundo agora nos offereceu nesta nova peça um novo argumento em seu favor. O — Testamento — foi applaudido, e o seu autor como os artistas

que o desempenharam, com furor victoriosos. Enquanto as senhoras Romero, não podemos infelizmente dizer o mesmo, pois que o nosso publico se mostrou summamente ingrato para com ellas. Bellas e bem feitas moças, graciosas e perfetas artistas, deviam ter sido acolhido com entusiasmo; mas que, o nosso publico é tão vergoso, que ao aspect d'uma bem torneada perna e de um bello seio semi-desoberto, encrubeca e se esquece de dar palmas.

Em somma foram as senhoritas Romero mal recebidas, porque o bom publico Pelotense achava immoral a maneira porque se apresentavam á platéa! *O tempore, ó mores!* Acha-se immoral o ver uma bailarina mostrar uma bonita perna até certa altura, ou debruçando se em longua posição descobrir os thesouros das duas collinas do nevo, que formam o seo visoso seio, mas não é immoral dar as estancias da

— Guerra dos Denses — para serem vistas por filhas de familia!

— No dia 29 de novembro morreu nesta cidade a geralmente estimada D. Anna Pinto Marques de Carvalho, cujo infesto passamento foi geralmente sentido. D. Anna Pinto era uma senhora de fortuna, devida ao seu trabalho e summamente caritativa. O asylo, a caridade e a igreja matriz, perderam nella uma de suas mais assiduas protectoras, e na hora da morte ainda fez importantes legados á todos os pios institutos da cidade. Deos haja sua alma em santa gloria!!

— No dia 11 do corrente foi solemnizada a missa do trigésimo dia pelo repouso eterno do Exm. Sr. visor João Rodrigues Ribas, na capella do Asylo dos orphãs desvalidas, que foi muito concorrida.

No fim do officio foi lida uma poezia por uma das meninas do mesmo asylo, e proferido um discurso pelo Sr. José Cyrano Garcia, alcaide do Collegio de S. Francisco de Paula, que ambos summamente agradaram.

— Nos primeiros dias deste mez tiveram lugar os exames publicos do collegio União, e nos dias 15 e 16 os do collegio de S. Francisco de Paula, cujos resultados em ambos os estabelecimentos dizem terem sido brilhantes. Assim pois, possui Pelotas hoje dois bom mentados institutos pedagogicos, que e-ramos em boa dade bons resultados para o anno vinhero. Semelhantes instituições nunca são demais, e Pelotas bem pode neste genero sustentar deus em tres.

— Hoje cá esperamos os nossos deputa- dos provinciais, Drs. Miguel Rodrigues Barcellos e Affonso Alvys. Deus os traga a salvo, pois que muito necessitamos ter em nosso seio tão elevadas capacidades, para alisar certos desvarios de cabeças transfor- nadas pelo calor.

— Sem mais assumpto ate minha outra missiva, que será mais extensa.

Vosso amigo.

LITTERATURA

Impressões do cemiterio.

Plurima noctis imago Virgilio

Que sublime perspectiva nos offerece a nossa derradeira morada?...

Quanto é terrivel e ao mesmo tempo argu- sto este recitativo!...

Aqui neste santuario de lucto e de tristeza jámais se disputa a hierarchia e a precedencia.

Aqui ninguém se estimula por não ser cortejado e as cinzas do homem plebeu não se dividam do homem filalga.

Aqui um ancião curvado pelo peso dos annos, outr'ora respeitado como o oraculo da sua familia, não sente, não...

Aqui o laçao e o amo vestem a mesma librê.

Aqui o pobre descansa em um somno tão aprasivel como o mais rico senhor.

Uma sepultura coberta de relva para o pobre e um tomulo da famigerada pedra de Carara para o rico: eis o que os distingue.

Junto áquella vegeta a roxa-sandade, sym- bollo do sentimento, tão virente por ser talvez regada pelas já excessas lagrimas da sua desolada consorte.

Junto á este firmadas em esculpidos ped- dastoeas vãs e mythologicas figuras.

Contemplemos:

Quem é aquelle á quem cobreesta campã e cuja alvura parece ser o emblema da inno- cencia?

Cheguemo-nos: é um menino que reco- beu e restituiu quasi ao mesmo instante sua alma virgem e que não se demorou mais que um momento nos limarios da vida para se purificar da mancha original e dizendo logo á terra um rapido adeus, do berço ar- remeçeu-se ao tumulo.

Feiz e agodado passageiro logo que deiz- xas as bordas do rio, entra sem demora no porto.

Eucaminhenos á outro.

Oh! Aqui estão soterradas as delicias do uma mão apaixonada e desvanecida a espo- rança de um ternopai!

Crescia este mincebo felizmente, como uma planta cuidadosamente regada, mas como elevadocedro que começa á crescer, na

idade em que elle havia de vir á ser a sober- ha do bosque, o rei das arvores, um queante inclinado se applica á sua raiz. O golpe fatal so descarrega; elle cahe, e seus altivos ramos se estendem e tornam-se em cenizas.

Assim cresce este mincebo na primavera de seus dias, levando apos sua queda a es- perança de um pai e os projectos de uma mãe que o trouxe em seu seio.

Oh! que energico quadro de dô!...

O marmore negro que reveste esta pila? mo mostra nas letras que ali estão gravadas, que neste lugar estão depositadas as fanebres reliquias de uma mãe digna de ser lamentada, que, dando á luz um filho, expi- rou. Calamidade frequentemente acoute- cida. A vergontea rebenta, mas o tronco seco, o filho respira apenas o prim tochalto da vida, quando a mãe exalta o ultimo; ella expira no meio de um marital jubilo!

Oh! patetica scena! Ao mesmo mo- mento é mãe e esolaver!

A terra lhe seja leve!

Que solitaria e simples pedra é esta que ali vejo? Modesta, sem adornos, parece ser collocada pela parca mão da medicinal- da, porém seus caracteres estão apagados.

Não posso entender o sentido...

Monumento infel, que motivos tivestes para deixar padecer o nome que te incum- biram de conservar?

Porém a vã ostentação de um tumulo, que com altivez abatia todos os mais funesres marmores, me annunciou que ali estavam depositados os restos de um rico potentulo.

Eu me aproximo e pergunto á para- quees seções os despojos que esolaver?

me responde que ali descaem os ossos já seccos e mirrados de um homem que, her- dando felizmente grandes riquezas, nunca cessava de as augmentar.

Eis aqui, dista eu reflectindo, eis aqui sem duvida um desses infatigaveis oseravos do ouro, que se atormentam para ajuntar mais do que podem desponder. Loucura!...

Dementia!...

O sol já chega a seu termo: as rodas de seu carro parecem inclinar-se sobre a extre- midade do firmamento. Já era hora de re- tirar-me e dar repouso á minha lassa imua- ginação

Que espantosas verdades tenho eu desce- berto no meio destas tumbas!

Prasa aos céos que ellas sejam a norma das minhas açções, o fanal que me allume nas trevas deste mundo, o oraculo do meu nucha existencia.

(Do Guayba.)

DECLARAÇÃO.

Os administradores da massa fallida de Carlos Plaglier, de conformidade com o dis- posto no art. 862 do Codice commercial, procederão (para liquidação) a venda em lota- ção publico, nos dias 7, 8 e 9 do mez de Janeiro futuro, de uma propriedade de caza e terrenos cercado de muro, contendo 560 palmos de frente ao nordeste á rua dos Pos- eadares, sendo 180 palmos dos ditos ter- renos, com fundos á rua da quadra, fazendo es- quino á rua das Trinchoras; e 180 palmos com fundos á quadra oiltra, fazendo esqua-

na ás ruas do Prado e Pombas, o que tudo se acha avaliado por R\$ 3002.300.

As pessoas que pretenderem, compareçam na referida casa ás 10 horas da manhã dos rematejos. E para mais amplios esclareci- mentos podem dirigir-se á residencia dos abaixo assignados.

Jaguarão, 11 de dezembro de 1857.

Os administradores, Lopes e Baptista, Manuel Fernandes de Mattos

ANNUNCIOS

CIDADE

Collegio de S. Francisco de Paula, rua do Commercio jun- to á praça da Matriz, dirigido por Carlos de Kosritz, e Emilio Francisco Grauert.

Acha-se intiramente aberto este novo estabelecimento de instrução primaria e secundaria, começando desta data os traba- lhos d'um curso preparatório para o anno escolar de 1858. A abertura definitiva do collegio terá lugar em 15 de Janeiro de 1858, e farão parte do ensino as seguintes mat- erias, que serão leccionadas por habeis pro- fessores, contratados para este fim pelos di- rectores:

Ensino primario.

Leitura, calligraphia, principios de arithmetica até os quebrados, gramatica nacional, doutrina, historia sagrada e historia geographia do Brasil.

Ensino secundario:

Latim, francez, inglez, a lemão e grego; escripturação mercantil em partidas singe- las e dobradas, theoria do commercio; arithmetica, geographia e algebra; geographia hist- rica universal, ciencias naturaes e phy- losophia.

Bellas artes e exercicios cor- poraes.

Desenho, dansa, musical e instrumenta- esgrima e gymnastica.

Todas estas aulas poderão ser frequenta- das pelos alumnos do estabelecimento, de- vendo ser pago somente uma gratificação especial pela frequentação das aulas de musica instrumental.

Recber-se-hão alumnos pelos seguintes preços:

INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Pensionistas . . . 20000 mensaes. Meio pensionistas, 10000 » Externos . . . 10000 »

INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

Pensionistas . . . 32000 » Meios pensionistas . . . 16000 » Externos . . . 10000 » Gratificação por qualquer das aulas de musica in- strumental . . . 40000 »

Estas pensões e gratificações deverão ser pagas por trimestre adiantadas.

O estabelecimento tem excellentes com- modos para pensionistas e allança-se com tratamento; os mesmos deverão trazer uma marquette com colção, um lavatorio com pertences, uma mesinha com gaveta e um baliê fechado, como tambem roupas de cama e de corpo sufficientes. Adoptar-se-ha um uniforme economico para os dias santos e de gala, que deverá ser usado por todos os alumnos do collegio. A cargo dos Srs. pais e encarregados ficará a compra de livros, a lavagem de roupa e o pagamento de medico e botica em caso de doença.

O regulamento interno da collegio acha-se á disposição do publico no escriptorio do director, que aqui somente avisa aos pre- tendentes, que o methodo por elle adoptado é o do ensino directo, visto o pouco ad- vantageamento, que propoçiona aos alumnos o ensino mutuo.

Os abaixo assignados, associando-se na direcção do estabelecimento esperam obter a protecção dos Srs. pais de familia e dos homens amantes do progresso, offerecendo- lhes por garantia do adiantamento de seus alumnos sua longa pratica como instructo- res e os resultados já obtidos nos diferentes estabelecimentos á que hão pertencido. Os mesmos esforçarem-hão para mostrarem-se dignos da confiança do publico, e por unica recommendação de seu collegio apresentão o progresso scientifico e moral de seus discipulos, do qual darão provas em exames annuaes, que seão publicos.

Os directores, CARLOS DE KOSRITZ, E. F. GRAUERT.

BICHAS

acaba de chegar alhoja de barbeiro de Alexan- dre José Pereira, rua do Commercio, as su- periores luchas handburguezas, que se van- dem e alugam-se por preços medicos.

3-2

THEATRO.

A directoria do theatro particular — Har- monia Jaguarão — de conformidade com o § 11 do art. 7 dos estatutos convida a todos os Srs. socios para se reunirem no dia 30 do corrente mez no salão do mesmo thea- tro, ás 4 horas da tarde para se proceder á eleição da nova directoria para servir no entrante anno de 1858; e aquelles que não possam comparecer, poderão mandar suas cotações directas á directoria.

Cidade de Jaguarão, 23 do dezembro de 1857. — O secretario, Francisco José Vieira Valente. 3-1

IGNACIO RODRI-

gues Diniz, pro-vee aos devedores a extincta casa de Bernardo José Pereira, que espera ver- sarem satisfazer seus debits e, até o fim do corrente mez, sob pena de serem por este jornal publicado seus nomes por extenso; outro- sim previzo que não dará tem receberá moe- da nacional de 200 por mais de 21000.

5-1

OS SRS. SOCIOS

da sociedade *Recreio Familiar Jaguarense*, são rogados a comparecerem na casa da mesma sociedade no dia 2 do futuro mez de Janeiro afim de se proceder a eleição da nova directoria.

O secretario,

Thomaz Henrique de Carvalho.

NA LOJA DE ALFAIATE

de
JOÃO LUIZ DE SOUZA FALCÃO.

Recebeu pelo ultimo vapor um riquissimo sortimento de casimiras de gostos modernos, pannos Sedam, ricos brins para calças, cortes de coletes, o que participa a seus freguezes, sendo tudo a um preço razoavel.

Consulheiro medico e cirurgico

49 RUA DO TRIUNFO 49

O Dr. Leblanc formado pela faculdade de Paris, apyros nio pelas academias do Brasil, alliança a cura do extrahimento de ureta, estriates, Hydroceles, fistulas do anus etc. por methodo particular; com especialidade es paris mais laboriosas. (5)

100

PATACÕES DE GRATIFICAÇÃO

Fugio de Jaguaro Chico, de Fazenda do Sr. Dr. Joaquim Abreu, districto do Ipiranga, um pardo allatado de nome Januario, de estatura regular, boa figura, barba serrada, bem filante, manhoso e cheio de melarias; é de propriedade do Sr. José Antonio de Oliveira Guimarães, fazendeiro em Camacum, na lapa denominada S. Laurengo. Quem o apprehender e entregar ao major Antonio Gonçalves da Silva morador nos suburbios desta cidade, receberá a gratificação acima. Protesta-se contra quem o tiver acoutado. (5)

200 PATACÕES

DE GRATIFICAÇÃO.

fugio o escravo Claudino, de cor parda, magro ainda, apontando lhe a barba; alto e magro, com muito cabelo; é mal encarado e fall. muito Bem; é campeiro e bom domador; fugio montado em um cavallo picasso. Quem o apprehender, e levar o a seu proprietario o capitão Manuel Ignacio da Silva, nos suburbios desta cidade, receberá a gratificação acima. Protesta-se contra quem o tiver acoutado. (14)

A LOJA DE FA-

zendas de Braga e Polvora Junior, rua do Commercio n. 38, acaba de chegar no ultimo vapor um grande e variado sortimento de diversas fazendas e miudezas; como sejam manteletes de retroz, filó preto e de côres, chales de retroz bordados e de côres, suias de balão, arcos de aço, ditos de crivo, um rico sortimento de flôres, ricos cortes de vestale a fantasia de 3 habados com barras de velludo, ditos de seda de gostos modernos, enfeites modernos para cabeça, chales de merino, gostos inteiramente novos, meias inglezas para homens e senhoras, toucas de setim acoloadas para senhoras, fitas para enfeites de pelucia e nobresa aveludadas, luras de pelica de Jouvina muito frescas para homens e senhoras, manteletes muito modernos sondo de velludo, setim, nobresse filó, camisinhas com mangas, tiras bordadas, damasco de seda encarnado, chá prelo superior, rapé Paulo Cordeiro, um grande sortimento de charutos de varias qualidades e preços, camisas de peito de linho, um grande sortimento de calçado para homens e senhoras, pentes de tartaruga modernos a imperatriz Eugenia, um rico sortimento de coletes de velludo e seda para homem, um sortimento de thesouras e caivo-

tes muito finos, diversas obras de prata im-za como sejam peteteras, reluxes, cabeçada e redes e muitos outros artigos que deixo de enumerar, o que tudo se venderá pelo mais modico preço possível; na mesma casa compram-se escravos de ambos os sexos e pagam por bom preço. (25)

ARMAZEM

DE

CONSIGNAÇÕES.

De Domingos R. Cordeiro, deposito de cola, salão e vellos da fabrica de Carlos Moirao e C., de Pelotas, por preços commoços.

ATTENÇÃO

Na praça da Marinha, casa de Speridiao T. de Menezes, compõem-se leques, chapéus de sol, em qualquer estado que estejam, por preços commodos.

CORREIO DO HERVAL PARA JAGUARÃO

Parte imprerterivelmente todas as quintas feiras, agencia em casa do gerente o Sr. João Francisco Martins.

- 34 -

— Pobre M^{me} Leblanc! accrescentou Polidoro; parece que depois do desmaio foi atacada de febre, e que no seu delirio não faz senão pedir sua filha...

— Sua filha! disse o coronel fora de si, ella pede sua filha!... Ah! eu não hesito mais... Vem, Molania, vem! é o cêo mesmo que me ordena que te restitua a tua mãe.



- 31 -

tao bom para mim? Esse desfecho imprevisto á leitura de algumas palavras escriptas por M^{me} Leblanc? Essa perturbação, esse enternecimento em que vos vejo neste momento mesmo?... Meu pai, meu pai, o que se passa aqui do funesto? Que mysterio doloroso procurais occultar-me?

— Não me interrogueis assim, minha filha, respondeu o coronel; ha revelações que não te posso fazer. Teu casamento com Polidoro parecia-me desejavel em teu interesse; M^{me} Leblanc m'o apresentou como um aelo que te reduziria ao desamparo, cedi á sua intercessão; basta saberes isto. Quanto á separação que te afflige, ella é a consequencia necessaria dos acontecimentos cujas causas te são desconhecidas. Queira o cêo que sempre as ignores! Essa auzencia em a teria exigido se M^{me} Leblanc por si mesma não a tivesse resolvido. Não te admires, pois, de eu não ter juntado as minhas instancias ás tuas para contê-la. Vês-me commovido, perturbado, é que o teu desgosto me toca o coração, é que eu não pude ver sem compaixão as lagrimas dessa... de M^{me} Leblanc, é que, a meu pesar, eu penso... Mas, continuou ella como se fallasse consigo mesmo, não posso sem fraqueza procurar suavisar a sua sorte? Só, sem amigos, sem recursos, que será della?

— Quo dizeis, meu pai? M^{me} Leblanc estará em semelhante posição?

— Não, não, isso não, acontecerá, replicou o coronel. E levando a mão aos olhos para enxugar furtivamente uma lagrima:

— Meu Deus! murmurou elle, ella já está bem castigada. Abriu uma secretaria, tirou uma carteira que entregou a Molania.

— Vai, minha filha, vai ter com M^{me} Leblanc, enquanto

MADAME LEBLANC.

21

Novo collegio Jaguareense

DIRECÇÃO PELOS SRS.

GASTAL FILHO E BELMONDY

Os directores deste estabelecimento avisam aos Illms. Srs. pais de familia que a realtura das salas, terá lugar no dia 7 de junho p. t. Aproveitem esta occasião para participar que o collegio possui entre professores habilitados e que já possuião certificados, para melhoramentos do estabelecimento e allargamento dos alumnos.

TYPOGRAPHIA
 OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO
 ECHO DO SUL.
 RUA DIREITA N. 14 E 16.

Nesta typographia e officina imprime-se e encaderna-se com toda a nitidez e brevidade o seguinte :

- Livros de uni ou mais volumes, para o que tem um novo e excellente material
- Bilhetos de rifa
- Cartões de visita
- Ditos de casamento
- Contas para casas de negocio
- Recibos
- Em fim todo e qualquer trabalho typographico imprime-se e encaderna-se com perfeição, gosto artistico, e brevidade.
- Nos impressos que forem de mil exemplares para cima farse-ha grande abatimento.

JOSÉ BELLO

Para a todos seus devedores, tenham a bondade de satisfazer seus debitos, para tambem poder o annunciante attender a seus compromissos.

CORREIO DE JAGUARÃO PARA O HERVAL.

Segue todos os sabados, agencia nesta typographia, e em casa do Sr. José Antonio de Oliveira Palma.

O correio não conduz cartas sanção dos Srs. assignantes; as press-as que não quizerem continuar terão a bondade de o participar nas respectivas agencias, do contrario continuaria a ser considerado como socios.

ALUGA-SE

uma boa morada de casas sita em bom lugar tanto para negocio como para qualquer officina, na rua das Salcias n. 12, as quaes tem sufficientes commodas, para duas grandes familias, e sendo para officina de carpinteiro ou marceneiro, tem nos fundos grandes armazens para deposito de madeiras.

Para ver na mesma casa e tratar na rua das Pragas n. 14. 6-1.

JAGUARÃO — TYP. DO — ECHO DO SUL — DE JOSÉ MARIA D'AZEVEDO.

ella faz os seus preparativos de viagem; dá-lhe isto por despedida, como uma lembrança tua; dir-lhe-lhas que são as tuas economias: da tua mão ella não rejeitará este presente.

Depois, voltando-se para o retrato de Arthur assim que sua neta sahia :

— Oh ! meu filho ! disse elle, posso fazer isto sem offensa a tua memoria.... Talvez mesmo não tivesses sido tão severo como eu !

Melania voltou ; trazia ainda a carteira na mão.

— Ella a recusa ? perguntou o coronel.

— Já partiu ! respondeu a moça.

— E' impossivel....

— Partiu sem levar nada.

— Disse ao menos para onde ia ?

— A ninguém.

— Mas foi acompanhada por algum criado ?

— Sabiu só.

Um pensamento sinistro atravessou o espirito do coronel :

— Sabiu só, sem levar nada, sem dizer nada ! repetiu elle assombrado.

— E sem dar-me um ultimo bairio de despedida ! disse Melania. Oh ! é muito mal feito ! Eu que acreditava na sua affeição, na sua ternura !

— Não accuses, minha filha, não a accuses ! Se soubeis !

— Vós me fazeis tremer ! exclamou Melania interrogando o coronel com um olhar cheio de susto.

O velho estava em estado de perturbação impossivel de descrever.

— Oh ! dizia elle, o que eu fiz é de um barbaro ! Quando Deus perdoar, pertence por ventura ao homem ser implacavel ?

Lançou-se á campainha, e tocou-a com violencia.

Acediram os criados.

— Correi ! lhes gritou elle, segui todas as estradas, todas os caminhos, e trazei-me M^{me} Leblanc : é preciso ; eu o quero !

Depois de ter dado esta ordem, sentou-se menos agitado. Depois, puxando de repente Melania sobre o seu peito :

— Não, replicou elle, uma tão atroz vingança já não seria justa !... Exurga tuas lagrimas, minha filha, tu tornarás a ver a M^{me} Leblanc, e nunca mais se fallará de separação.

Nesse mesmo instante Polidoro abriu precipitadamente a porta do gabinete.

— Oh ! meu tio.... oh ! minha prima !.... Que acontecimento !.... Eu ainda estou toda perturbada !.... Genetoso Octavio ! Infeliz M^{me} Leblanc !...

O coronel e Melania levantaram-se ao mesmo tempo.

— M^{me} Leblanc !... foi encontrada ?

— Sim, responder Polidoro, foi encontrada, e creio mesmo que se poderia dizer salva, porque ainda respirava..... Sim, salva pelo meu amigo Octavio, que é intrepido como um leão, e que nada como um cão da Terra-Nova.

— Como !... explica-te !.... Que dizes ?

— Digo, meu caro tio, que essa desgraçada M^{me} Leblanc, achando-se perto do tanque das Olmos, lançou-se ao cabia nelle, o que ainda não está bem verificado ; que meu amigo Octavio, que vagava ali perto, não hesitou em precipitar-se em seu socorro ; e que, salva por elle, foi transportada sem sentidos a algumas centenas de passos distante daqui, á casa de um dos vossos rendeiros.

— Oh ! meu pai, corramos para junto della ! exclamou Melania.

ASSIGNATURA.

Por um anno... 20000
Por tres meses... 5000
Por seis meses... 3000
Por um anno... 15000
Por um anno... 20000

O ECHO DO SUL.

ANNUNCIOS.

Para os assignamentos... 40 rs.
Para os assignamentos... 80
Publicadores e pedreiros, communicados e correspondencias, pelo que se ajusta.

JORNAL POLITICO E COMMERCIAL.

O - ECHO DO SUL - e propriedade de Pedro Bernardino de Moura, seu principal redactor. Publica-se diariamente

ANNO IV

RIO GRANDE: QUINTA-FEIRA 30 DE DEZEMBRO DE 1858.

NUMERO 66

O ECHO DO SUL.

Impudencia do Sr. conselheiro Ferraz.

Quando o homem que se diz illustrado, que occupa elevada posicao na sociedade, a qual lhe dá direito a respeito e consideração da seus concidadãos, se desmoraliza, se degrada por seus actos, ao ponto de precisar recorrer á mentira, e de se tornar cynico, para, desaturando os factos, colorir seus desregramentos: esse homem, em vez do respeito e consideração a que he devido direito sua illustração e sua posição tornam-se ao contrario, não tem acaresado ao prestigio do seu nome, que outr'ora avaliava entre as eminencias da piz, o mais merecido reproche, e mais justa animadversão lasso mesmo publico que tem testemunhado esse desregramento de conduta por parte do Sr. Ex.

O Sr. conselheiro Ferraz, como já dissemos, á força de desmoralizar-se, até cynico se tem tornado: e assim é que, com o maior desplanete, sem mesmo a menor vislumbre de pudor, se pode dizer, não tropica em todas as dias, para colorir seus erros, faltar á verdade, para esquivar a responsabilidade desses erros, e a sentença que elles lhe podem acceitar.

Para prova do que avancamos, alli está o Jornal do Commercio, o as cartas publicadas de S. Ex. que nelle vem impressas.

Ja não é a primeira vez que animamos as intelligencias nessas cartas avangadas pelo Sr. Ferraz, para justificar seus actos.

Na ultima carta, sobre tudo, publicada no Jornal do Commercio da 23 do corrente, por tal modo fallou S. Ex. á verdade, que o espirito mais tolerante, porém honesto, não pode deixar de revoltar-se ante tanta impudencia e tanto cynismo.

Nessa carta depois de muito discorrer contra o Sr. Dr. Bello, estabamando-o, S. Ex. expressa-se do seguinte modo, n'um das seus topheas:

Acaba de ser expellido em Pelotas o allemeo Koseritz, que redigiu o Brado do Sul. A autoridade tomou de prompto as medidas necessarias para descoberta dos delinquentes. Ora á vista disto é forçoso confessar, que o Sr. conselheiro Ferraz, é dotado de muito arrojço e muito cynismo, para atrever-se a dizer que a autoridade de Pelotas tomou de prompto todas as medidas para a descoberta dos delinquentes! Isto não diz o Sr. Ferraz, em um jornal que circula na provincia do Rio Grande!

E muito afrontado a opinião publica! Do tanto só ser o é capaz, o Sr. conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz!

Quem ha ali no Rio Grande o Pelotas, que não saiba que, nem sequer um só passo, se deo para a captura dos delinquentes?

Para que medidas além de descobrir os delinquentes, se elles foram incoincitente desolochos, se são cohebidos um por um, e se tem sido pela imprensa denunciados por seus nomes?

Entretanto já algum d'elles foi preso ou processado?

E como presidente, ou processado, se a propria e unica autoridade superior que alli existe (delegado de policia e juiz municipal) ao mesmo suspetto e indigado como mandatório do attentado?

E como nos vem o Sr. Ferraz dizer que a

autoridade tomou todas as medidas para a descoberta dos delinquentes?

Como se explicar semelhante procedimento do Sr. Ex., o não ser pela conveniencia ou cumprimento do Sr. Ex. em semelhante attentado? Oh! o Sr. Ferraz, é por demais imprudente, quando, para justificar seus erros e desmandos, nos prova lousamente a ignorar o veio misterioso que encobre muitos de seus actos omissoes, praticados na administração da provincia.

Até aqui nos parecia que S. Ex. fosse alheio a esse crime; mas o procedimento de S. Ex. o facto de seu silencio e indifferença para com os autores e cúmplices desse crime; o facto de S. Ex. mesmo, pelas columnas do Jornal do Commercio desvirtuar o que se passou, dar-lhe cores diversas ao delicto, e procurar justificar a autoridade criminosa que o mandou perpetrar, ou o sancionou, como cúmplice delicto; tudo nos leva logo a crer, que S. Ex. não é de todo alheio a tão criminoso procedimento.

Essa a nossa convicção, a que deo nascimento, os factos que vimos do narrar, e do que hemos sido ocular testemunhas.

Ampla uma outra inexactidão, igualmente revoltante, avrete o Sr. Ferraz em sua já citada carta do Jornal do Commercio.

Excessos assim?

PASSAGEM NOTIZ E ASSADA. — Falleceu no dia 12 deste mez o Rev. Thomé Luiz de Souza, varão do grandes virtudes e aqui geralmente estimado, na idade do 88 annos. O seu enterro foi muito concorrido."

Os clérigos carregaram os seus restos mortaes até certo ponto da cidade, para dali ser transportado no competente vehiculo ao cemiterio. Ao chegar, porém, o salimento ao ponto marcado, o consel portuguez Antonio Maria do Amaral Ribeiro não quiz que assim se praticasse, e depois de alargar com o vigário-geral, que internamente serve de capitular, proclamou ao povo, ou, como dizem os Portuguezes, á arca da cidade, que não consentisse; e depois de muita acritaria, apellidos, etc., etc., o vigário geral cedeu á força, e os restos mortaes foram confundidos como o consel portuguez quiz.

E fúto e fabisimo, que no acto do salimento do respectivo varão, que vou da ser mencionado, houve o menor vislumbre de motim ou assada, e o Sr. Ferraz, querendo eluzmar, por meio da calumnia, o omissão de um tão revoltante que imaginario procedimento, sobre o distincto portuguez, Sr. Amaral Ribeiro, de quem o Sr. Ferraz, parece haver-se tornado um segundo Pipelito; pois que em toda a parte S. Ex. parece ver a sombra do Sr. Amaral Ribeiro, que o faz tremor e desmarar (tal é a consciencia que S. Ex. tem do mau procedimento que tem tido para com esse cidadão e seus compatriotas); o Sr. Ferraz, dizemos, querendo attrahir sobre o Sr. Amaral Ribeiro, o odio de um procedimento, que só existia na obediencia de S. Ex. não tropicou em injuriar uma população inteira, calomniando-a, quando lhe imputa o facto de haver feito assada e motim, no acto fúto e respeitoso da decesso á sepultura os restos mortaes do prelado mais estimado e querido que por ventura viu Porto Alegre.

E como creres que esse — povo —, que á flux corria pressuroso a dar a ultima prova de veneração, estima a respeito pelo morto, podesse consentir que algum faltasse ao respeito devido a esses restos tão preciosos?

São uma mente desviada, como essa que escreve para o Jornal do Commercio, podesmos attribuir semelhante cruento, não real, porém fingido, para poder attingir seus fins ignobéis.

O Ecto passou-se muito diverso do que narra o Sr. Ferraz; deu-se, não assada e motim, porém uma prova de muito respeito e muita consideração para o morto, e muito louvavel áquelle que a exhibiram.

Tendo os clérigos, que carregavam os restos mortaes do finado padre Thomé, querido, a certa distancia da cidade, depositar o caixão n'um vehiculo, para ser conduzido ao cemiterio, algumas das pessoas mais grãdas que acompanhavam o salimento (em cujo numero se contava o Sr. Amaral Ribeiro) se dirigiram ao Sr. vigário capitular, e lhe disseram, que, em signal de muita consideração e muita estima que haviam consagrado e consagravam ainda ao virtuoso finado, desejavam carregar o feretro á mão, até a seu ultimo jazigo; o vigário a principio fez uma pequena objecção, reflectindo na distancia que havia a transportar, e no cansaço sem duvida que resultaria de tão extenso trajeto; mas essa objecção foi feita no interesse daquelles que se propunham fazer tal sacrificio, e desde que elles não acceitaram a reflexão e insistiram em fazer o sacrificio, o Sr. vigário não se oppoz mais, e o corpo, em todo o respeito a q' a eremónia e as qualidades do finado davam juiz, foi conduzido assu final e eterno asylo.

Eis, em poucas palavras o motim e assada, que diz o Sr. conselheiro Ferraz, ter feito o — povo — do Porto Alegre, por occasião de decesso á sepultura o corpo do finado padre Thomé Luiz de Souza.

Ao publico de Porto Alegre, deixamos a apreciação da veracidade d'essa noticia que inseriremos nas columnas do Jornal do Commercio o Sr. conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz.

Quanto ao Sr. Amaral Ribeiro, pode o Sr. Ferraz, cego pelo despeito e pelo odio, inventar tudo quanto sua mente desvariada lhe suggerir, para desconcertar; seus esforços serão balizados, e suas setas, ainda que envenenadas no veneno que distilla do coração de S. Ex., irão sempre quebrar-se ante esse recheio que se chama — prohibida —, e ante esse estado que se chama — honestidade —; os quaes, não do hoje, mas do ha longo tempo, torziam inextinguivel aos tiros da calumnia a pessoa do Sr. Antonio Maria do Amaral Ribeiro.

Continuando pois o Sr. conselheiro Ferraz a injuriar tudo quanto a vingança lhe dictar, contra o seu generoso e valeroso inimigo; ambos hoje são tão conhecidos, e a ambos a opinião publica da provincia do Rio Grande, lhes fará a devida justiça.

Um homem perdido avira se a tudo; por tanto não recuo o Sr. Ferraz, em seus desatinos; prosiga, que o futuro nos vingará.

OCCORRENCIAS.

Castella. — Hontem nos enviaram informações de um facto, que, por castella, julgamos dever levar ao conhecimento de nossos leitores, para que procedam da maneira que julgarem mais acertada; e elle é:

Exibiu annunciada á venda na rua do Fogo desta cidade, casa n. 21, uma mulata, (ou antes chinês) de cbr quasi branca, cabello corado, com 14 annos mais ou menos de idade; essa mulata descrevia ao q'parece, do Antonio Vieira com tamancaria na cidade de Pelotas; porém consta que essa mulata nascera no Estado Oriental, e do ventre livre, vindo pequena para a cidade do Pelotas.

Chama-se Leopoldina, e seo seahar tem pressa de a vender.

Não garantimos estes factos, desejariamos todavia que elles fossem veritades pela autoridade competente.

Estafeta. — Chega hoje a parte amanhá da 7 lizra para Pelotas, o estafeta do Sr. Nunes. A agencia é na casa dos Srs. Silva e Costa, e na typographia do Echo do Sul.

Hermann. — Este celebre prestidigitador, que tanto aplausos nos arrebatou com suas prodigiosas diablerias, seguiu hontem na pequena Princesa de Joinville, para Montevideo com destino a Buenos-Ayres e de lá ás republicas do Equador.

Desejamos-lhe prospera e feliz viagem.

Por demais. — Não está celebrando tempo para discutir com o Noticiador de Pelotas, sobre as suas impugnações, as circumstancias que revestem o attentado que se praticou na pessoa do Sr. Carlos de Koseritz, limitar os nomes, pela parte que nos toca, a fazer aquella redacção a seguinte observação.

Se é verdade que o Sr. delegado e juiz municipal daquillo termo, Dr. Vicente José da Maia, nenhuma parte teve, ou não accorreu, na esse attentado revoltante, porque razão S. S. não tratou logo de fazer prender os autores da attentado, todos bem conhecidos e apontados pela opinião publica?

Porque razão como lhe cumpria, não comparecer no lugar do delicto, e não proceder, como era da seu dever, ao respectivo auto do corpo de delicto? porque não instaurou logo o respectivo processo aos delinquentes, a fim de que os mesmos se entregassem a verdade, e fossem punidos os autores, mandatarios e cúmplices, do attentado?

Se o Sr. Dr. Maia, não tivesse recebido hontem fundades de que a verdade apparecesse; se o Sr. Dr. Maia tivesse a sua consciencia tranquilla e illibada de qualquer complicação nesse crime, por certo que teria procedido, em toda esse immoral acontecimento, com a dignidade e rectidão de um juiz, e não, como praticou S. S., com a protecção escandalosa dos delinquentes, evitando a prisão d'elles, para que se não adere o mysterio.

Desde que temos visto o silencio e a indifferença do Sr. Dr. Maia, primeira autoridade do lugar, em todo esse escandaloso procedimento, nasceu-nos a convicção de que S. S. não é alheio a esse crime.

E' esta a nossa opinião, que nos servaremos até que o Noticiador nos convença com argumentos solidos, do contrario.

E' a unica resposta que julgamos dever dar ao Noticiador.

Contra factos não ha argumentos. O Sr. Dr. Maia nunca mais se lavara da mádo, de ter sido cúmplice do attentado praticado na pessoa do Sr. Carlos de Koseritz.

Espectaculo. — Representa-se hoje, no nosso theatro, um beneficio da Sociedade Typographica Rio Grandense, o apparatus e excellentissimo drama do Sr. Manoel José da Silva Bastos, que tem por titulo — Exemplo de honra.

Essa drama é offerecido ao respeitavel corpo do commercio desta cidade.

E' de esperar que tenhamos uma brilhante concurrencia, pois a accoelha do divertimento, della se torna eroso.

Erreta. — Em nosso jornal de hontem, em a terceira columna, na 23ª linha, onde se diz — O total de xarque etc. leia-se: — O total dos saques na ultima semana accedea a 300.000 libras esterlinas, das quaes o governo tomou cerca de 100.000.

EXTERIOR.

Um incendio em mar alto.

Perda total do vapor hamburguez Austria.

O terrivel sinistro maritimo, já anunciado por toda a imprensa, absorve ainda a attenção geral. Esperava-se com impaciencia a chegada do vapor *Peruvia*, de linha dos Estados-Unidos, na esperança de que nos traria novas esclarecimentos.

Do fato recebemos e correspondencias de New-York com os portadores desse tão lamentavel naufragio. Provavelmente ainda se sabera mais nada; as informações abidas não deixam a menor esperança de que se tenham salvado mais algumas victimas desta horrenda catastrophe. Eis como se exprime o *scriptor* americano:

« Os capitães do *Rosenbath* e do *Arabian*, chegados a Halifax nos dias 22 e 25 de setembro, referem que no manhã de 15, em lat. 47° 32' N e long. 41° 48' O, avistaram um grande vapor incendiado. O *Arabian*, aproximando-se, encontrou-o completamente abandonado.

« A impressão produzida por estas noticias recedidas pelo telegrapho foi immensa.

« Ignorava-se qual o vapor incendiado, se o *Alps*, ou o *North Star* ou se o *Austria*, posto que conheciamos muitas circumstancias para fazer crer que fosse este ultimo, operado de ha muitos dias no mesmo porto.

« A chegada do *Lotus* a Halifax veio confirmar nossas tristes noticias. Era com effeito o *Austria*, o de 530 pessoas que se achavam a bordo, salvaram-se apenas 67! Ao Sr. Charles Brewe, passageiro de primeira classe, deixamos a penosa tarefa de narrar as causas do sinistro e as terriveis peripcias deste horrendo drama maritimo:

« Em Southampton tomei passagem no dia 4 a bordo do vapor *Austria*, capitão H-yd. Mann, que tinha sahido de Ham-lurgo no dia 2. Suspeitando pelo vento das 6 horas da tarde; mas *estando* o tempo um pouco nublado, *acrescentamos* a ilha de Wigh e a terra firme. A's 4 horas da manhã seguimos viagem. Ao levantar o ferro ocorreu um accidente devido indubitavelmente a algum desajuste. Ao passar as hecas ao ferro, desandou o cabrestante, e o chicote da maná seguiu viagem. Ao levantar o ferro ocorreu um accidente devido indubitavelmente a algum desajuste. Ao passar as hecas ao ferro, desandou o cabrestante, e o chicote da maná seguiu viagem. Ao levantar o ferro ocorreu um accidente devido indubitavelmente a algum desajuste. Ao passar as hecas ao ferro, desandou o cabrestante, e o chicote da maná seguiu viagem.

« Desde o momento em que ganhámos alto mar, soprou sempre o vento do quadrante oeste. No dia 12 tornou-se menos desfavoravel, e no dia 13 chegaram a ditar 13 milhas por hora; todos esperavam pois estar em New-York no dia 18.

« Pouco depois das 2 horas da tarde achava-me eu sobre o tombadilho, quando vi sahir muita fumaça a pequena distancia do rancho de maritagem. Quasi ao mesmo instante corria para a pipa algumas mulheres, gritando:

« Ha incendio a bordo! Que será de nós?

« Apenas se descobriu o fogo, foi posto a vapor a meia força, e assim cont nuimos até a explosão de depois de 10 minutos; presumei que nosso accionista morrera suffocado os machucados.

« Do lugar onde eu estava passei para o centro do navio, e vi então que as chammas sahiam pelas portinholas. Neste momento o navio aprava ao vento, e por consequencia o incendio fazia progressos assustadores.

« Dirigi-me ao bombo do leme, e disse-lhe que arribasse para apresentar ao vento o costado do navio. Hesitou; era hamburguez; e provavelmente não me comprehendeu. Dirigi-me então a um alçomo para pedir-lhe que me fizesse algumas explicações ao respeito da minha recomendação. Nada conseguí. Voltando-me, vi muitas pessoas no empenho de lançar um escalor ao mar. Não sei qual foi o seu sortio, mas julgo que foi despeçada pela heca. Depois que se tambem arriou um escalor por estibordo, mas, mal tinhamos lançado mais os cabos das turres, foi tanta a gente que se precipitou sobre o escalor que impossibilitou a minha accção. Esperamos que todos sahiamos, e consequentemente muito longe do mar. De novo se precipitaram as mesmas pessoas;

o resultado foi, a perda do escalor e a morte da gente que nelle se apinhara, á excepção de tres individuos que se agarraram ao costado da ambragação. Atiramos um cabo a esses infelizes, e salvamos um; era o dispensario. Empregamos o mesmo meio para salvar outro, o cabo estrangulou.

« O incendio tinha adquirido intensidade de mais para que possível fosse tratar da salvaguarda dos outros naufragos do escalor submergido. Se exceptuarmos os passageiros que morreram asphyxiados na ante-camará, todos os mais da primeira classe e alguns da segunda, se achavam no tombadilho; é provavel que grande numero destes ultimos não pudesse sahir das camaratas por causa das chammas. Alguns foram igados através dos ventiladores, mas a maior parte infelizmente não pôde ser salva por este meio. A ultima mulher que por este meio escapou ao fogo declarou que já seis pessoas tinham morrido suffocadas. Vimos então que o navio tinha tomado a sua primeira posição, de maneira que as chammas chegavam já ao tombadilho.

« A multidão me impedia de approximar-me ao leme para verificar a causa da mudança do rumo; mas disseram-me que, tendo o maricheiro do leme abandonado o posto e deixado o navio á mercê das ondas, este apraou ao vento. A sena que neste occasião se passava no tombadilho era verdadeiramente dolorosa e impossivel de descrever. Os passageiros corriam de um para outro lado, lidos de terror; os maridos procuravam suas mulheres, as mulheres seus maridos, as mães deploravam a perda de seus filhos ou pediam com grandes gritos que as salvassem; poucos conservaram sangue frio e presença de espirito. Entretanto as chammas aproximavam-se tanto dos passageiros que alguns se atiraram ao mar.

« Muitos parentes proximos saltaram ao mar abraçados, e juntos encontraram a morte; duas meninas, que supponho eram irmãs, assim terminaram seus dias; um missionario precipitou-se ao mar e a sua mulher, o seu procedimento foi imitado pela sua criada; um Hungaro, pai de sete filhos, dos quizes quatro meninas, fez saltar primeiro sua mulher, depois seus filhos mais velhos um após outro, e depois de ter abençoado a todos, seguiu os com o filho mais moço nos braços. Durante esta scena afflicta conservei-me na exterioria das mezas, debragando-me tanto quanto me era possível para fugir ás chammas que se me aproximavam. Ahi avistei um bote submergido, preso ao navio por um cabo, os remos estavam armados, e julguei que, se conseguisse alcançar o bote não só me salvaria, mas tambem ajudaria outros a salvarem-se.

« Não me enganei; apalhei o bote, e pouco depois estava um quarto de millia distante do vapor. Desso lugar via homens e mulheres atirarem-se do tombadilho ao mar; muitas senhoras tinham já seus vestidos queimados. Grande numero destes desgraçados hesitavam a dar um salto de mais do vinte pés; mas forçados pelas chammas que a todos os minutos ganhavam terreno, acabavam por d-cidir-se. Ao cabo de hora o meu bote havia virado sobre o tombadilho. Remei então em direcção ao vapor, e salvei um allemão que nadava.

« A's 7 1/2 horas, depois de termos passado cinco horas de angustias sem avistarmos mais um vela, fomos salvos pela barca franceza *Maurice*, que já tinha a seu bordo 40 naufragos.

« Foram igualmente salvos, pelas 8 horas, 23 pessoas que se achavam em um bote de ferro.

« Durante o sinistro não vi um só official, nem mesmo no tombadilho. Quando o commandante ouviu o grito do — fogo! — correu a tábua sem bonet, bradando: — Estamos todos perdidos! Tratou de pôr a nado um pequeno bote, mas este submergiu-se e o capitão raliou ao mar. O quarto piloto cortou o cabo desse bote, que em poucos minutos foi despeçado pela heca, desaparecendo logo 23 pessoas que se achavam dentro, salvando-se apenas tres em quatro homens sobre um fragmento de madeira, que depois foram recolhidos pelo *Maurice*, como já se disse. Lancou-se tambem á agua um escalor salva-vidas, mas encalhando de agua, e tornando-se necessario salvar o que se conseguiu; achavam-se a bordo 33 pessoas, contando-se neste numero dois officios e muitas mulheres.

« Antes de se engastar a agua, adormeceu o escalor duas ou tres vezes, e calaram ao mar 14 pessoas. O resto da gente com difficuldade chegou a bordo do *Maurice*; o numero total dos naufragos que o *Maurice* recebeu durante a noite não passou de 27.

« Na manhã seguinte aproximou-se ao vapor uma barca norueguesa e mandou um escalor examinar de perto o incendio no navio. Tal vez salvasse algumas pessoas, mas ao consequio seria em numero muito limitado.

« O *Maurice* não communicou com a barca norueguesa.

« Eram 7 horas quando a barca franceza, singrou para o Fayal para desembarcar os passageiros. Pelas 2 horas da tarde encontramos a barca *Lotus* em viagem para Halifax. Muito desejoso de pisar solo ingloz, offereceu no capitão Trefy uma passagem a seu bordo; muito quereia elle conduzir todos os cidadãos americanos, mas apenas 11 pessoas, entre as quizes alguns estrangeiros, se aproveitaram do favor.

« O incendio foi devido a uma imprudencia criminosa.

« Tendo entendido o capitão e o medico que convinha desinfectar a coberta com vapor de alcatrão, accretaram ao nuestro esta tarefa, porém sob a inspecção de um dos pilotos. O mestre que serviu de uma corrente de ferro em brasa para a evaporação do alcatrão; mas enquanto tinha na mão uma das extremidades da corrente, a outra por tal modo se encandeeou, que deixou cahir sobre a coberta o ferro em brasa. A madeira inflammou-se logo, e o alcatrão espalhado pegou fogo. Os fracos esforços que fizeram para extinguir o incendio foram inuteis. Não havia á mão nada do que era necessario para esse fim.

« Os passageiros que escaparam apenas puderam salvar a roupa que tinham no corpo, e essa muito queimada. Devia haver a bordo 600 pessoas, incluindo um grande numero de mulheres e crianças.

« Tendo entendido o capitão e o medico que convinha desinfectar a coberta com vapor de alcatrão, accretaram ao nuestro esta tarefa, porém sob a inspecção de um dos pilotos. O mestre que serviu de uma corrente de ferro em brasa para a evaporação do alcatrão; mas enquanto tinha na mão uma das extremidades da corrente, a outra por tal modo se encandeeou, que deixou cahir sobre a coberta o ferro em brasa. A madeira inflammou-se logo, e o alcatrão espalhado pegou fogo. Os fracos esforços que fizeram para extinguir o incendio foram inuteis. Não havia á mão nada do que era necessario para esse fim.

« Os passageiros que escaparam apenas puderam salvar a roupa que tinham no corpo, e essa muito queimada. Devia haver a bordo 600 pessoas, incluindo um grande numero de mulheres e crianças.

(*Courrier du Hâvre.*)
(*Jornal do Commercio*)

INTERIOR.

Discurso do Sr. Dr. Luiz Alves Leite de Oliveira Bello, pronunciado na sessão da assembleia provincial do dia 27 de novembro findo.

Continuação de n. 65

O Sr. BELLO.—Não ha um só dos partidos, em que o palto se acha dividido, um só, não direi unicamente dos seus primeiros estadistas, porém mesmo dos seus politicos mais mediores, que não entendem que o principio da centralização administrativa, que por muito tempo, e para segurança das instituições do imperio, foi guardado por um dos partidos politicos, deve soffrer amplas modificações, que ás provincias se devem conceder mais algumas potestades especiaes, attribuições que ainda hoje estão na esphera do poder central.

O meu nobre amigo o Sr. Dr. Mendonça, com o critério e pericia que lhe é propria, escolheu um exemplo que nos dá um dos chefes mais extremados do partido conservador, um dos que tem sido mais acceimados pelo partido adversario de aferrado aos principios unitarios. Este estadista no seu plano de reforma de varias ramos de administração publica, consagra a medida razovel de descentralização administrativa, que convém ao imperio; e o seu trabalho tem em vista em geral o assento, e o applauso de todos os partidos.

Dartmo, senhor, um partido que, em que a descentralização governativa, ou não sabe o que isto seja, ou enfim nada quer de novo, porque quer a descentralização administrativa, que todos queremos, não tem titulo algum em seus principios ás preferencias do Sr. presidente da provincia, e não deverá ser por elle protegido, com tem sido. Com a justiça que hebbou não é mais capaz, do que os outros, de fazer a propiedade na provincia.

O Sr. BELLO.—S. Ex. teve a fortuna de achar uma época a mais propicia possível para sustentar o plano que se achavam dentro, salvando-se apenas tres em quatro homens sobre um fragmento de madeira, que depois foram recolhidos pelo *Maurice*, como já se disse. Lancou-se tambem á agua um escalor salva-vidas, mas encalhando de agua, e tornando-se necessario salvar o que se conseguiu; achavam-se a bordo 33 pessoas, contando-se neste numero dois officios e muitas mulheres.

« Antes de se engastar a agua, adormeceu o escalor duas ou tres vezes, e calaram ao mar 14 pessoas. O resto da gente com difficuldade chegou a bordo do *Maurice*; o numero total dos naufragos que o *Maurice* recebeu durante a noite não passou de 27.

« Na manhã seguinte aproximou-se ao vapor uma barca norueguesa e mandou um escalor examinar de perto o incendio no navio. Tal vez salvasse algumas pessoas, mas ao consequio seria em numero muito limitado.

« O *Maurice* não communicou com a barca norueguesa.

« Eram 7 horas quando a barca franceza, singrou para o Fayal para desembarcar os passageiros. Pelas 2 horas da tarde encontramos a barca *Lotus* em viagem para Halifax. Muito desejoso de pisar solo ingloz, offereceu no capitão Trefy uma passagem a seu bordo; muito quereia elle conduzir todos os cidadãos americanos, mas apenas 11 pessoas, entre as quizes alguns estrangeiros, se aproveitaram do favor.

« O incendio foi devido a uma imprudencia criminosa.

« Tendo entendido o capitão e o medico que convinha desinfectar a coberta com vapor de alcatrão, accretaram ao nuestro esta tarefa, porém sob a inspecção de um dos pilotos. O mestre que serviu de uma corrente de ferro em brasa para a evaporação do alcatrão; mas enquanto tinha na mão uma das extremidades da corrente, a outra por tal modo se encandeeou, que deixou cahir sobre a coberta o ferro em brasa. A madeira inflammou-se logo, e o alcatrão espalhado pegou fogo. Os fracos esforços que fizeram para extinguir o incendio foram inuteis. Não havia á mão nada do que era necessario para esse fim.

do do poder immenso, de que o arnon a lei da organização especial, e definitiva da guarda nacional, da provincia? Satisficando em toda a parte, Sr. com postas, e inatitadas excepções, o partido da sua desconfiança de hontem, e da sua perseguição de hoje.

As nomeações pendem, na sua maior parte ao menos, porque todas seria impossivel, para o pessoal do partido da opposição.

Em vez de contemplar na reorganização dos corpos, que existião, e na organização dos muitos corpos novos, que errou, os officios já existentes offerecidos, a avultos, como lhe comprou fazer em virtude da recomendação expressa da lei, e em attenção ao merito e serviços de muitos desses officios...

O Sr. ANDRADE NEVES.—Assim tem feio.

O Sr. BELLO.—S. Ex. tem dado referencias em massa, e de margem, sem destino, e consequentemente como demittidas, a officios de muito merito que desejavam, que podiam continuar a servir ou sendo conservados nos mesmos corpos, em que estavam, ou sendo transferidos para outros, em que possassem melhor servir.

Era obrigavel S. Ex. a proceder assim. Diz o art. 71 da lei «..... Os existentes (officiaes) ao tempo da promulgação desta lei serão, sem deprecação de proposta, e da ordem do accesso: confirmados nos postos, que occuparem, passando-lhes novas patentes, despatchados para outros, reformados, ou demittidos, como parecer justo ao governo, e aos presidentes, que terão em consideração os bons serviços anteriormente prestados.»

S. Ex. devia ter em consideração os bons serviços anteriormente prestados por essa ordem immensa de officiaes, que reformou, ou que deixou sem destino.

O Sr. JACINTO DE MENDONÇA.—Apostado.

O Sr. BELLO.—Ter em consideração os bons serviços dos officios, não quer dizer dar-lhes destinos arbitraros, e esphritadamente, como tem feito S. Ex. por vingança ou proteccão; quer dizer, Sr. S. Ex. empregar no mesmo corpo ou despatchar para outros, em vez de reformal-os ou demittir-os, os officios de merito e bons serviços, ainda capazes de continuar a servir; que diz, reformar, em vez de demittir-os, os officios de merito, anteriores, que não tinham a obrigação de servir; quer dizer finalmente, demittir somente os que não tinham merito, nem bons serviços anteriores.

« Mas S. Ex. não procedeu assim; seguiu a lei do seu arbitrio. Eis porque lhe fazemos opposição.

O Sr. GABRIEL GOMES.—Apostado.

O Sr. BELLO.—S. Ex. nãoagou com tal facilidade de as pessoas, que lhe convencia nomear sem attenção a todos os requisitos, e recomendações da lei, pois até fez uma nomeação illegal para o commando de um dos corpos novamente organizados, reformando a nomeação do commandante da corpo de Tabin, a nomeação de um cidadão maior de 70 annos; supponho que é o commandante do corpo de Ta. him.

Proço licença ao nobre deputado, o Sr. Teixeira Junior, que defendea a legalidade dessa nomeação...

O Sr. TEIXEIRA JUNIOR.—Em face da lei.

O Sr. BELLO.—... para demonstrar-lhe que em pouco de sua mesma lei, que o nobre deputado continuamente consulta, e lê, essa nomeação é evidentemente illegal, que S. Ex. a não podia fazer.

Sr., creio que ninguém, nem mesmo o nobre deputado descombederá que ha nas sociedades politicas, certas ordens de funções, de deveres, e direitos, para as quizes todos os cidadãos tem igual direito de entrar, mas não entram todos com estas, e determinadas condições de limitadas pela lei, e retribuições pelas autoridades. Assim é que, por exemplo, toda toda os cidadãos brasileiros o direito de votar nas assembleias parochias, e de serem votados para os cargos de eleição popular, não o entra todavia no exercicio, e gozo desses direitos, sendo quando tem a idade, e a renda marcada na lei, não tem a idade, e a renda marcada na lei, não podem exercer aquelles direitos, não podem ser qualificadas voluntarios; e, não sendo qualificadas voluntarios, não podem votar.

O mesmo acontece á respeito do direito que tem todos os cidadãos brasileiros de julgar a seus pires, de ser jurado.

Parco-me que tudo isto é incontestavel. Tais leis, a mesma doutrina regem o direito de ser guarda nacional.

O Sr. TEIXEIRA JUNIOR.—Os officios de 2.ª linha não estão neste caso, para estes a lei faz excepção, não se manda qualificar.

O Sr. BELLO.—Está enganado o nobre deputado: a lei não faz semelhante excepção. Segundo a lei são não são qualificados os cidadãos, que não tem a idade ou a renda designadas na mesma lei, como acontece á respeito dos voluntarios, e jurados.

O Sr. TEIXEIRA JUNIOR.—Não ha partido entre a qualificação de voluntarios e a guarda nacional.

O Sr. BELLO.—Denjo que ma responde a uma pergunta muito simples; o cidadão, que não tiver

seio quasi rado como O Sr. cize pode O Sr. lista 7 O Sr. tancias de ta, embo O Sr. do, e pri nuchiam O Sr. mentos e O Sr. todos pi municipi ras, que eleições de 89 a Parta (a me nte de O Sr. que é a O Sr. da rag O Sr. dafião) O Sr. zer se um O Sr. guardi O Sr. O Sr. glio. O Sr. qualifi 18 an que m obigo que n fazer qual o sidi no f nacio gans admi tarem Lou lora dade Ora, girou para a vengã Vene nome de a vicio officio eleito servio civil meso O t

CA Pre rados, reporti mara Alg roles, dize almos des il chos, e villos, pellas excess, dno a de 50 de bat poma para prego de co sa, di rões, de lo vilros tões. As nectos, ab aberta Cap 28 do

FRANÇ Can

